GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECII

ARISTOTELES MANIUMYTSA

ORGANIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA ROÇA TRADICIONAL DO POVO RIKBAKTSA

Barra do Bugres – MT
2024

ARISTOTELES MANIUMYTSA

ORGANIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA ROÇA TRADICIONAL DO POVO RIKBAKTSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – *Campus* Dep. Est. Renê Barbour, de Barra do Bugres, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jussara de Araújo Gonçalves

Barra do Bugres – MT

2024

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

MANIUMYTSA, Aristoteles.
M278o Organização e Importância da Roça Tradicional do Povo RikbaktsaNão / Aristoteles Maniumytsa – Barra do Bugres, 2024.
82 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024.
Orientador: Jussara de Araújo Gonçalves

1. Alimentação Natural. 2. Rikbaktsa. 3. Indígena. I. Aristoteles Maniumytsa. II. Organização e Importância da Roça Tradicional do Povo Rikbaktsa: Não.

CDU 613.26(=1-82)

ARISTOTELES MANIUMYTSA

“ORGANIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA ROÇA TRADICIONAL DO POVO RIKBAKTSA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 06/05/2024

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
JUSSARA DE ARAUJO GONCALVES
Data: 16/05/2024 13:50:58-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Jussara de Araújo Gonçalves

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Orientadora

gov.br Documento assinado digitalmente
RAIMUNDO NONATO CUNHA DE FRANCA
Data: 22/05/2024 14:07:32-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Raimundo Nonato Cunha de Franca

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Examinador Interno

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCELO FRANCO LEAO
Data: 16/05/2024 14:35:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Marcelo Franco Leao

Secretaria de Estado de Educação - IFMT/ MT

Examinador Externo

Dedico este trabalho a minha esposa Alenir Amyiba e a todos da minha família, onde encontrei força para trilhar no meu estudo para poder buscar o melhor conhecimento.

Dedico também ao meu povo Rikbaktsa e todos que me ajudaram na colaboração de meu trabalho, em especial a Elani dos Anjos Lobato e a minha orientadora Jussara de Araújo Gonçalves.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar força e coragem para que eu pudesse superar todas dificuldades encontradas durante o meu estudo, proporcionando paz e sabedoria para que eu pudesse cumprir com a minha obrigação. Sem Ele seria impossível a realização do trabalho.

Agradeço à minha orientadora professora Jussara de Araújo Gonçalves, por me orientar no meu trabalho, na confiança depositada em mim, também pela compreensão e apoio moral.

Agradeço à professora Elani dos Anjos Lobato por me ajudar no desenvolvimento de meu trabalho e no apoio, na compreensão nas ideias de como desenvolver passo a passo de meu trabalho, com ajuda dela vou conseguir realizar esse maravilhoso estudo.

Agradeço à professora Vanilda Reis por ter me ajudado na questão financeira, onde não mediu esforço para juntar dinheiro para eu pagar a alimentação e a hospedagem, durante a etapa presencial.

Agradeço à equipe da Funai: Cavalcante, Adriana e Adegildo por terem me ajudado nas compras das passagens e combustível. Também agradeço o Antônio Carlos pela força e disponibilidade de poder me ajudar na compra de passagem.

Agradeço à Domingas Apatso Rikbaktatsa por ceder o espaço da Biblio-Óca e colaborar com informações na pesquisa, para o meu trabalho, onde foi muito importante nas coletas de dados sobre a importância da roça tradicional do povo Rikbaktsa.

Agradeço a coordenação da UNEMAT por colaborar com a hospedagem e com o refeitório, onde passamos quinze dias na Barra do Bugres estudando.

Agradeço à minha família, aos amigos e principalmente ao meu povo Rikbaktsa, por acreditarem em mim e na minha capacidade de estudar com os amigos de outras etnias, onde aprendi um pouco da cultura de cada povo e foi maravilhoso a troca de experiências.

E por fim meu imenso agradecimento ao povo Rikbaktsa, e aos professores da UNEMAT que me ensinaram o conhecimento maravilhoso para minha vida e por isso, vou poder ajudar ao meu povo Rikbaktsa na parte da educação.

“Desde os primórdios da humanidade, o ato de semear, cultivar e colher tem mudado a forma como o homem se relaciona com o mundo”.

Rafael Nôleto

RESUMO

Este trabalho faz um estudo sobre a organização e a importância da roça tradicional do povo Rikbaktsa, localizado no noroeste de Mato Grosso, nas margens dos Rios Juruena, Arinos e Rio do Sangue. A pesquisa aborda aspectos da cultura que trazem a forma inerente de fazer as plantações, os rituais e a organização social do povo. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a organização e a importância da roça tradicional para a alimentação do povo Rikbaktsa. Essa pesquisa foi etnográfica, utilizou a História Oral para a produção dos dados de caráter qualitativo, o que determinou o caminho percorrido. A entrevista direta foi aplicada como técnica, individual com um roteiro de perguntas semiestruturadas, cujos dados foram coletados por meio do gravador e do caderno de campo. Foram entrevistadas quinze pessoas do meu povo; entre eles, cinco anciãos, anciãs, quatro mulheres, um homem e cinco jovens estudantes que foram fundamentais para a estrutura da escrita. A construção da fundamentação teórica se desenvolveu pela pesquisa bibliográfica, por meio de autores e obras que contribuíram com informações sobre a temática investigada. A pesquisa foi realizada no período de abril a setembro de 2023, nas aldeias Primavera; Vale do Sol; Areia Branca e Aldeia Nova. Todas na Terra Indígena Erikpaktsa. Como resultado, foi desenvolvido o produto pedagógico em forma de calendário da Roça Rikbaktsa, para ser utilizado na sala de aula, onde encontram-se informações sobre o plantio, dos tempos, das luas e da variedade de produtos naturais que podemos produzir na roça e no quintal de casa. Trata-se de um calendário bilíngue que foi produzido em parceria com meus alunos da escola indígena sob a minha orientação. Apresento ainda como resultado a importância de continuar fazendo a roça de toco e a relevância dessa prática para manter viva a nossa cultura, pois o ato de produzir alimentos é também fonte de mitos, ritos e cerimônias que estimulam a preservação dos saberes originais e fazeres tradicionais que fazem do povo Rikbaktsa únicos nessa região da sub-bacia do Juruena. A partir dessa pesquisa e do conhecimento adquirido será possível incentivar o povo a continuar fazendo a roça de toco para que eles continuem cultivando alimentos naturais que beneficiam a saúde, deixando de lado os alimentos industrializados e o uso de agrotóxicos, preservando nesse ato de plantar a cultura viva e fortalecida, bem como o meio ambiente.

Palavras-chave: Alimentação Natural; Rikbaktsa, Roça Tradicional.

TSIKÃINE MYZUKNI

VERSÃO DO RESUMO NA LÍNGUA NATIVA (RIKBAKTSA)

Rikbaktsa Waratok bo mytsyhywyk mytawek mydyhy. Bikoktsik ityeky bok. Mydisaka apakbaha izikpaikik naha. Tapaktsa iwaho bo pakoe hana as maha kape naeri dyhyty nawaba maha Waratok mutsasunari. Taparaka izipaik naha ta disawy Waratok bo, zodo, mokotsa, hokpetsa, tomado, iktataza, iktata, pitipyek iwaduba. Tapaktsa ypykyhyktsa kape nawa nikanaha Waratok nitsasoko. Kahokdihokdiwy rety nawa ekyka iwatahaka. Jabitsa tsirinymyry naha kawahoire iwatahakata nawa ikha tsyhyre iwa jabitsa zinymy naha. Mymyikaha tapara mydisawy piparek. Epy knahasoho Kahizik tsokdawy soho Waratok iwewyhyta soho iytaba munapykyk, bubusak, spatsik iwaze, tutãtsik iwa. Mypaikihitsa koeknybakytu mysopyk, mypaikihitsa tsinasiubakanahã. Anahi mysohok, iwaze sihe ziwatahakanaha, tapaktsa ypykyhytsa, tapakyky-ypykyhyky iwaze jabyitsa iwatsa soho, tapaky siwataha zinykynanã. Iwaze iziakyi, ziwata-haka, tahadik hudikwy ezektsatuk nipamyky-soko, imyrã ezektsatuk nipamykysoko. Rikbaktsa hudik hudikwy ezekydyba. Mytsuhuk wekewy soho pumuze ataweke ana sohohi myspizikpokowy eze tsinapamykysonahã, nanabyi mypaikihitsa soho. Koiknybaky mysopyk humo ty byidyba mynaka, Koiknybaky mysopyk humu, ikatsaha bubusak eze tsinapykyknaha. Iwatahi pinymybabazeka, kawakytsa mysihizizik Waratok wekewy humo. Waratok buky humu dyba tsinamyspihikna ha.

Harere: *Mydisawy; Rikbaktsa; Waratok*

ABSTRACT

This work makes a study of the organization and importance of the traditional farm of the Rikbaktsa people, located in the northwest of Mato Grosso, on the banks of the Juruena, Arinos and Rio do Sangue rivers. The research addresses aspects of culture that reflect the inherent way of planting crops, rituals and the social organization of the people. The general objective of the research was to analyze the organization and importance of the traditional farm for the food of the Rikbaktsa people. This research was ethnographic, using Oral History to produce qualitative data, which determined the path taken. The direct interview was applied as a technique, individual with a script of semi-structured questions, whose data were collected using the recorder and the field notebook. Fifteen people of my people were interviewed. Among them, five elders, four women, one man and five young students who were fundamental to the structure of the writing. The construction of the theoretical foundation was developed through bibliographical research, through authors and works that contributed information on the topic investigated. The research was carried out from April to September 2023, in the Primavera villages; Sun Valley; Areia Branca and Aldeia Nova. All in the Erikpaktsa Indigenous Land. As a result, the educational product in the form of a Roça Rikbaktsa calendar was developed, to be used in the classroom, where you can find information about planting, times, moons and the variety of natural products that we can produce in the roça and in the backyard. It is a bilingual calendar that was produced in partnership with my students at the indigenous school under my guidance. I also present as a result the importance of continuing to do stump farming and the relevance of this practice to keep our culture alive, as the act of producing food is also a source of myths, rites and ceremonies that encourage the preservation of original knowledge and traditional practices. Which make the Rikbaktsa people unique in this region of the Juruena sub-basin. Based on this research and the knowledge acquired, it will be possible to encourage people to continue farming so that they can continue to cultivate natural foods that benefit their health, leaving aside industrialized foods and the use of pesticides, preserving in this act of planting the living and strengthened culture, as well as the environment.

Keywords: Natural Food; Rikbaktsa, Traditional Farm.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Território Histórico do Povo Rikbaktsa.....19
Figura 2 – Área das Terras Indígenas Rikbaktsa.....23
Figura 3 – O dormitório das crianças Rikbaktsa no internato do Utiariti.....25
Figura 4 – Pintura corporal (A) e Dança (B) do povo Rikbaktsa 29
Figura 5 – Indígena com pintura corporal do clã Arara cabeçuda.....30
Figura 6 – Casa de Aprendizagens Homem Rikbakta – Mykyry 31
Figura 7 – Tipos de Solo 44
Figura 8 – A descoberta do grão de milho.....48
Figura 9 – A origem da roça tradicional.....49
Figura 10 – A derrubada para o plantio da roça tradicional 50
Figura 11 – O uso de ferramentas de metal - plantio de roças maiores.....53
Figura 12 – Roça Tradicional de toco do povo Rikbaktsa.....56
Figura 13 – A Roça Mecanizada – produção de banana em larga escala 61
Figura 14 – Culturas presentes na Roça Rikbaktsa.....63
Figura 15 – Desenhos dos Frutos Silvestre consumidos pelos Rikbaktsa 65
Figura 16 – Imagem dos alunos fazendo atividade sobre roça de toco 71
Figura 17 – Algarismos indo-arábicos escritos em Rikbaktsa.....73
Figura 18 – Capa do Calendário da Rikbaktsa 75
Figura 19 – Calendário da Rikbaktsa 76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização Social do Território Rikbaktsa 20
Quadro 2 – Área das Terras Indígenas Rikbaktsa 21
Quadro 3 – Organização social dos Rikbaktsa 28
Quadro 4 – Roteiro do Plano de Aula 37
Quadro 5 – Perguntas da Entrevista 40
Quadro 6 – Mysakibaziknaha - Ziwenahata 50
Quadro 7 – Vamos Cantar – Derrubada (versão em Português) 51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACEBRIK – Associação Cultural e Educativa Biblio-Óca do Povo Rikbaktsa.

AIMURIK – Associação Indígena das Mulheres Rikbaktsa.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

PAIs – Postos de Atendimento ao Indígena.

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**

1. O POVO RIKBAKTSA: DO CONTATO À ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO SEU TERRITÓRIO **17**

1.1. A pacificação dos brancos 22

1.2. O retorno dos Rikbaktsa para seu território 25

1.3. A Organização Social do Povo Rikbaktsa 26

1.4. A Educação Tradicional do Povo Rikbaktsa 30

1.5. A Educação Escolar do Povo Rikbaktsa 32

2. A METODOLOGIA DA PESQUISA: O CAMINHO PERCORRIDO **34**

2.1. Tipologia da Pesquisa 34

2.2. Caracterização do campo/participantes 36

2.3. Percurso didático 37

2.4. Produção de Dados 39

3. A CRIAÇÃO DA ROÇA TRADICIONAL: DO MITO DE ORIGEM AOS DIAS ATUAIS **48**

3.1. A Roça Rikbaktsa depois do contato 52

3.2. A Roça Tradicional do povo Rikbaktsa: aspectos gerais 56

3.3. Ferramentas e equipamentos que utilizamos para fazer a roça de toco 59

3.4. A Roça Mecanizada: modelo atual mais utilizado 60

3.5. As plantas que hoje plantamos no quintal da casa 62

4. ALIMENTOS NATURAIS: FRUTOS E ANIMAIS SILVESTRES **64**

4.1. Alimentos naturais da roça 67

4.2. Alimentação industrializada impactando a saúde do povo 69

5. IMPORTÂNCIA DA ROÇA TRADICIONAL **71**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **80**

REFERÊNCIAS **83**

INTRODUÇÃO

O estudo das questões da terra para os povos indígenas envolve um campo vasto de temas de pesquisa que permeiam seres, fazeres e saberes, ao abranger a própria terra e a biodiversidade que nos cercam e fazem parte da nossa existência.

Um tema importante é a roça tradicional dos povos originários, que está ligada à qualidade da alimentação das pessoas indígenas, como também, a outros significados simbólicos unidos aos mitos, às explicações culturais de cada povo, que são modos de conceber a sua visão de mundo e de proteger o meio ambiente.

O presente trabalho apresenta a organização e a importância da roça tradicional para a alimentação do povo Rikbaktsa. Geralmente fazemos roças de toco, ao utilizar o trabalho coletivo para organizar reservas alimentares, de onde colhemos alimentos naturais para o sustento das nossas famílias e para a realização das nossas festas tradicionais.

No entanto, nos últimos tempos estamos aderindo a outros modelos e adotando comportamentos que têm impactado negativamente a saúde do meu povo. Tais fatos têm me incomodado e me levado a atentar à ocorrência dos jovens não estarem demonstrado interesse para fazerem a nossa roça tradicional.

Isso me levou aos problemas dessa pesquisa que estão organizados a partir de duas perguntas; por que os anciãos falam que se deixarmos de fazer a roça deixaremos de ser Rikbaktsa? E se deixarmos de fazer a roça tradicional, o que pode acontecer com o povo Rikbaktsa?

Todo Rikbaktsa desde pequeno acompanham seus pais na roça. Foi assim comigo, com meus irmãos e com as demais crianças. Com eles aprendi a fazer a roça para minha família e a cultivar alimentos naturais. Nessa interação com os mais velhos aprendemos de tudo, ajudando-os em suas tarefas.

Ao estar com os mais velhos somos instruídos a conhecer a mata, seus recursos, seus segredos, através da vivência compartilhada e dos ensinamentos transmitidos no decorrer das tarefas e através dos mitos transmitidos pelos mais velhos (Arruda,1998, p. 5). Essa dinâmica fortalece a nossa cultura e o nosso modo de ser, entretanto os mais jovens estão abandonando essas práticas.

Diante dessas preocupações fui em busca de respostas. Da trajetória investigativa organizei a escrita desse trabalho em que sua estrutura está dividida em

cinco seções. A primeira aborda o relato do contato do povo Rikbaktsa, ao passo que elucida quem são e como são as pessoas desse grupo indígena.

No texto escrito da pesquisa trago autores que discorreram em suas obras sobre o meu povo, para dar sustentação teórica à estrutura dessa seção. Fundamento o relato da história do povo Rikbaktsa, desde antigamente até o dia atual, em que eu falo um pouco das terras em que o povo sobrevivia, dos rios e da mata que eles percorriam antes dos contatos com os não indígenas.

No texto abordo as conquistas das terras que o povo Rikbaktsa consolidou, por meio das suas lutas e as batalhas com os não indígenas. Falo da quantidade que era a população antes do contato e quantos sobraram depois desse evento.

Ainda narro a causa que quase dizimou o meu povo, a quantidade de pessoas que somos hoje e do quantitativo de aldeias que temos organizadas nas três terras indígenas Rikbaktsa, em Brasnorte, Cotriguaçu e em Juara, a Noroeste de Mato Grosso.

A segunda seção trato da metodologia dessa pesquisa etnográfica que se valeu da História Oral. A escrita é estruturada a partir de autores que orientam de forma técnica como devem ser os procedimentos para a realização da pesquisa. O caráter etnográfico, com a abordagem qualitativa usa a entrevista como canal para aplicar o roteiro de perguntas semiestruturadas aos entrevistados, com o propósito de obter os dados.

Ao decorrer da escrita do caminho percorrido sinalizo como foram produzidas as informações sobre a roça tradicional dos Rikbaktsa, objeto desse estudo, e sobre as atividades que foram trabalhadas, junto com os alunos do ensino médio, dentro e fora da sala de aula, com o foco no objetivo dessa pesquisa que foi descrever a organização e a importância da roça tradicional para a alimentação do povo Rikbaktsa.

A escrita desenvolvida na pesquisa foi embasada na história oral relatada pelos anciãos e por autores Rikbaktsa e não indígenas que pesquisaram sobre essa temática, para organizar assim, a parte teórica por meio da pesquisa bibliográfica.

A próxima seção é iniciada pelo mito de origem da roça tradicional. Traz uma figura mitológica que nos ensina como foi descoberta a semente e a partir disso os Rikbaktsa começaram a plantar. Inicialmente só era plantado milho, mas posteriormente introduzimos outros tipos de plantas.

Na descrição da roça de toco, trago de forma bem peculiar o modo de saber-fazer do meu povo, ao apresentar dados do tamanho da roça, do local que é feito a

roça, também do solo que é escolhido para o plantio e os tipos de plantações que são fincadas na roça.

Ainda nessa parte falo também sobre o tipo de roça que hoje alguns de nós fazemos em algumas aldeias Rikbaktsa. No contexto, ainda abordei as formas de como são plantadas as espécies de cada planta e as distâncias, assim como, a opção de plantar na roça e no quintal perto da casa.

Na escrita relato sobre a organização do povo Rikbaktsa quando as pessoas indígenas desse grupo iam fazer a roça comunitária e individual. Aqui também abordo a importância da cultura no ato de fazer a roça e as festas que são feitas durante a colheita de produtos plantados. As mudanças ao longo dos tempos referentes ao modo de fazer da roça são descritas nessa seção. O conjunto de dados permite discorrer sobre os tipos de roça, ferramentas, equipamentos e da opção do tipo que facilitou o trabalho para o plantio.

Há também a narrativa sobre o produto que o povo Rikbaktsa utilizava para matar insetos que estragavam as plantações como batata e milho, como também relato a respeito da partilha dos alimentos da roça, para outras pessoas que ajudaram na roça.

A quarta seção apresenta a alimentação natural do ponto de vista Rikbaktsa e a alimentação industrializada, onde relato o que impacta na saúde do povo Rikbaktsa. Nessa organização, estabeleço diálogo com autores indígenas e não indígenas que trataram desses assuntos em seus escritos.

Na construção dessa parte, abordo os tipos de alimentos naturais que é da cultura do povo Rikbaktsa, alimentos que são retirados da roça e são preparados da forma como os Rikbaktsa aprenderam com os seus ancestrais para nos alimentar, ao constatar que nós ainda mantemos a nossa tradição viva.

Nessa direção, faço uma narrativa sobre os alimentos que são retirados da mata, onde o povo Rikbaktsa coleta os frutos para se alimentar e também os tipos de carne de animais que são consumidos, oriundos das nossas caçadas.

O relato sobre a alimentação industrializada abrange sobre esse tipo de alimento que o povo Rikbaktsa trouxe para consumir no dia a dia. Todos são comparados no mercado, assim como a bebida alcóolica e o refrigerante.

Aqui também falo dos problemas de saúde que o povo vem enfrentando por causa do consumo de alguns tipos de alimentos que vem causando problemas sérios em nossa saúde como: diabetes, câncer, pressão alta, pressão baixa, colesterol ruim

e ainda muitos casos de pedra no rim e na vesícula. Não houve percepção acerca de doenças como depressão, hiperatividade como consequência desse tipo de alimentação.

A quinta e última seção descreve de forma detalhada a produção de dados. Onde e com quem esses foram produzidos, como tratamos esses dados a partir da técnica que possibilitou aplicar a pesquisa qualitativa para interpretar os dados e analisar os resultados, buscando garantir a confiabilidade dos frutos obtidos na investigação.

O encerramento é consolidado com as minhas considerações finais sobre o objeto investigado e o que foi percebido, verificado e produzido a partir das intervenções com os meus alunos e com as pessoas envolvidas na pesquisa, direcionando para novas investigações, fatos que justificam o estudo feito o que aponta a sua relevância.

A relevância da pesquisa tem o centro no objeto do estudo que permitiu constatar que o ato de fazer a roça estar permeado de sentidos e significados para meu povo. Ritos, mitos e cerimônias se entrelaçam como as palhas que trabalhamos para fazer o telhado dos nossos lugares de celebração e o alicerce é a nossa cultura.

O ato educativo que estruturou o planejamento da aula sobre a temática foi um dos resultados da pesquisa e o produto pedagógico (calendário) resultante desse trabalho permitiram verificar que a nossa cultura continua viva, ainda que ao longo do tempo sofreram modificações pelas interferências externas, contudo nossos jovens ainda têm como ponto de partida os costumes da nossa cultura.

1. O POVO RIKBAKTSA: DO CONTATO À ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO SEU TERRITÓRIO

O contato do povo Rikbaktsa com os não indígenas foi em 1957, quando aconteceu a primeira fala do padre João Dornstauder com os Rikbaktsa. O fato se deu no dia 30 de julho de mil e novecentos e cinquenta e sete, mas antes do contato, o povo Rikbaktsa convivia nas margens do rio Juruena, rio do Sangue, rio Arinos, rio Papagaio e no rio Juína Mirim (Arruda, 1992; Pacini, 1999; Utumy e Leão, 2018).

O povo Rikbaktsa era um grupo nômade que andava de um lugar para outro, onde as pessoas indígenas cuidavam de seus territórios, para que os seus inimigos não tomassem a suas terras (Maudu, 2023)[1]. Nesses lugares, eles faziam as suas aldeias e suas roças. Depois de passar um tempo, eles mudavam de local e iam a outros espaços, para que a terra anterior descansasse e criasse forças, para mais tarde produzir alimentos bons e fortes (Arruda, 1992; Athila, 2006).

Durante o caminho eles caçavam e pescavam com a flecha e com o arco. Também coletavam mel e frutas para se alimentarem e alimentar as suas famílias. Andavam, observavam e avaliavam até encontrar um novo espaço para formar novas aldeias, organizar o *mykyry* (casa dos homens), a *Kawahoro* (casas das famílias) e o *mytyk* (o cemitério). Esses três lugares formavam a estrutura da aldeia (Lobato, 2020). Nessa direção, Arruda (1998, p. 6) afirma que, “em 1957, foram encontradas 42 aldeias, espalhadas por seu território, situadas no interior das matas, em locais próximos às cabeceiras de córregos, ligadas entre si por trilhas na floresta”.

Antes do contato, a população Rikbaktsa era de aproximadamente cinco mil pessoas. Depois do contato, com as guerras com seringueiros, garimpeiros e pelo acometimento de doenças que esses trouxeram (ao contaminar, por exemplo, propositadamente as folhas das árvores com varíola, sarampo e catapora, além de outras doenças como a malária que já fazia parte do lugar) o povo foi reduzido para cerca de duzentas pessoas (Pacini, 1999).

A minha mãe, Madalena Maudu conta que o povo também sofreu o envenenamento no açúcar, em que morreu muita gente Rikbaktsa. O local em que se deu esse envenenamento foi no posto Velho, as margens do rio do Sangue. O produto

[1] Maria Madalena Maudu – anciã do povo Rikbaktsa, mora na aldeia Primavera, foi para o internato do Utiariti, na Década de 1960, quando era criança e foi uma das pessoas entrevistadas, fornecendo dados para a pesquisa.

foi jogado de avião, por isso, de acordo com a sabedoria e experiência dos anciões, acreditamos que a estatura dos Rikbaktsa diminuiu muito, hoje nós somos baixos por causa do efeito do veneno. Antigamente os Rikbaktsa eram todos altos (Maudu, 2023).

Antigamente o povo Rikbaktsa se alimentava de carne de animais, peixes, frutas, castanha, mel, suco de frutas e chicha (bebida típica), além de produtos da roça, assim como: batata, cará, amendoim, banana, milho e mandioca, entre outros.

Os medicamentos que eram utilizados pelos Rikbaktsa eram as ervas naturais, que o povo usava para lidar com vários tipos de doenças. Eles tratavam as pessoas que estavam doentes e os acompanhavam. Hoje ainda são usados esses medicamentos no tratamento dos pacientes (Lobato, 2020) e (Arruda, 1992).

Segundo a narrativa da minha mãe, Maria Madalena Maudu, de 65 anos, os Rikbaktsa andavam por todos os lugares, desde o rio Aripuanã, no município de mesmo nome, até o rio Papagaio. Ela narra que os Rikbaktsa moravam espalhados por vários espaços, os quais originaram nosso território histórico.

Antigamente o povo Rikbaktsa sobrevivia feliz com a sua cultura. Segundo Arruda (1992) a época das festas era um tempo em que eles cantavam, dançavam, pintavam, faziam seus artesanatos, falavam só na sua própria língua e participavam de todos rituais, assim era o modo de vida do povo Rikbaktsa no passado.

Nesse tempo em que eles iam fazendo as visitas, passavam vários meses andando na mata e na beira dos rios para chegarem nas aldeias de origem, iam compartilhando os conhecimentos da região, faziam as festas e caçavam e pescavam juntos conhecendo-se à medida em que conviviam. Para Lobato (2020, p. 157):

> Estar na mata abarca um modo de vida que é vivido intensamente vinculado à natureza. O ato de viver e conviver no mato produziu um modo diferente de encontrar solução para os problemas locais, a partir de uma visão holística que concatena ser/saber/fazer e ambiente.

Quando chegavam em umas das aldeias novas, as pessoas ficavam um tempo naquela aldeia, depois eles continuavam os seus destinos pela mata e assim por diante até chegar no final de suas visitas. As experiências na mata davam condições de desenvolver habilidades para as pessoas do nosso povo ligadas a caça, a coleta de frutos, a busca de remédios e a localização de córregos, de solos férteis para a plantação e de lugares com condições para a organizar as aldeias.

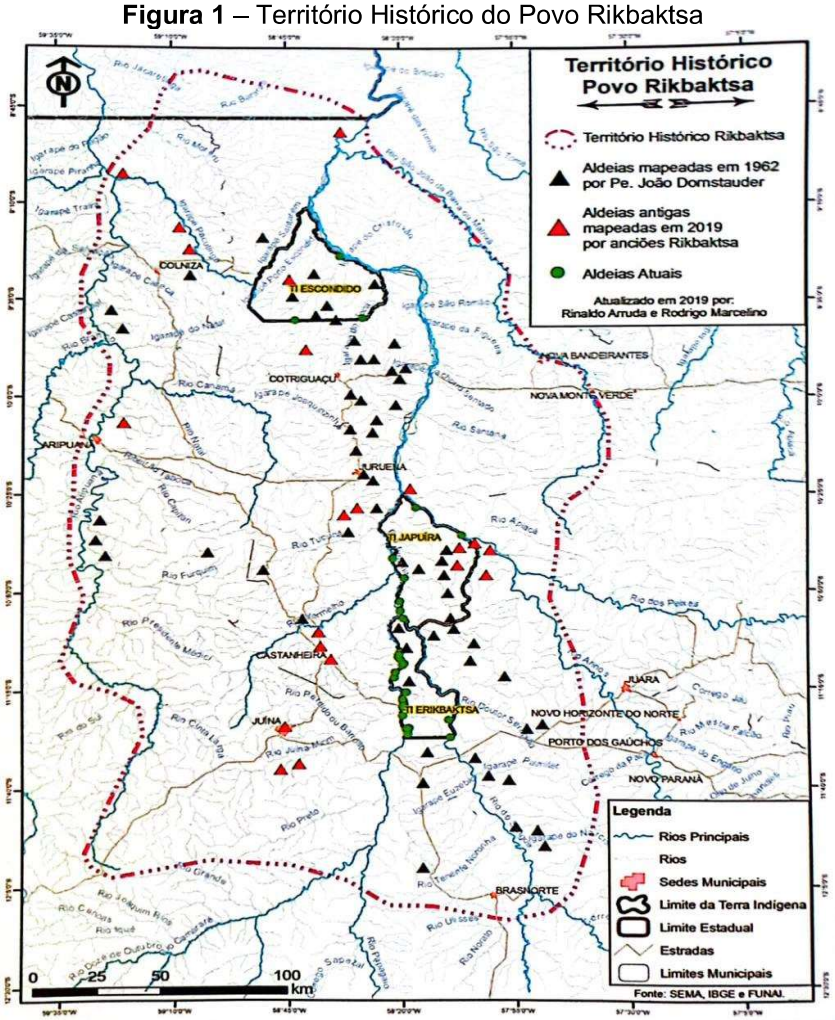
Durante essas visitas, muitas coisas aconteciam com os Rikbaktsa, coisas boas e ruins. O negativo era que eles ficavam doentes ou aconteciam acidentes, como

picada de cobra, ataques pelos animais, como onça e catete (porco do mato). Mas, ainda assim esse movimento na mata para se ter acesso às aldeias que se organizavam, também era motivo de aprendizado para os novos que aprendiam com os mais velhos, conforme disse Lobato (2020, p. 155):

> O espaço socioeducativo da mata conjuga uma série de aprendizagens e de ensinamentos que orquestram harmoniosamente o saber/fazer Rikbaktsa, numa sintonia experienciada com o outro, mas que, ao mesmo tempo, permeia o sujeito e seus pares, convergindo para a experiência coletiva do grupo.

Ao longo desse espaço histórico de aprendizagens, os Rikbaktsa se dividiam um pouco em cada lugar, ocupando os locais que deram origem às três Terras Indígenas que temos hoje, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Território Histórico do Povo Rikbaktsa



Fonte: Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Povo Rikbaktsa (MATO GROSSO, 2020, p. 19).

O hábito de se deslocar por toda parte caracterizava o costume, pois o povo andava visitando os territórios que se organizavam em aldeias, à medida que eles encontravam um bom lugar para estruturar a nova moradia. O lugar bom era onde as

terras eram férteis e limpas para a produção da roça, além de ter caça e pesca abundante para subsistência da população.

Os incidentes estimularam a busca pela organização das aldeias com estruturas que dessem suporte para esses acontecimentos. Por isso, ao longo dos tempos, o povo foi organizando o território em aldeias, distribuídas nas terras de ocupação dos Rikbaktsa, conforme o quadro 01.

Quadro 1 – Organização Social do Território Rikbaktsa

NÚMERO DE ALDEIAS	**TERRA INDÍGENA ERIKPAKTSA** Município de Brasnorte	**TERRA INDÍGENA JAPUÍRA** Município de Juara	**TERRA INDÍGENA ESCONDIDO** Município de Cotriguaçu
1.	Aldeia Posto Novo	Aldeia Divisa Marcolino	Aldeia Escondido
2.	Aldeia Escolinha	Aldeia Jatobá	Aldeia Parajuba
3.	Aldeia Divisa	Aldeia Pé de Mutum	Aldeia Tucunarezal
4.	Aldeia Cabeceirinha	Aldeia Cerejeira	
5.	Aldeia Barranco Vermelho	Aldeia Japuíra	
6.	Aldeia Palmeirinha	Aldeia Acorizal	
7.	Aldeia Boa Esperança	Aldeia Castanhal	
8.	Aldeia Cajueiro	Aldeia São Vicente	
9.	Aldeia Laranjal		
10.	Aldeia Primavera do leste		
11.	Aldeia Pedregal		
12.	Aldeia Vale do Sol		
13.	Aldeia União		
14.	Aldeia Segundo Cajueiro		
15.	Aldeia Primavera		
16.	Aldeia Curva		
17.	Aldeia Curvinha		
18.	Aldeia Segunda		
19.	Aldeia Segurança		
20.	Aldeia Beira Rio		
21.	Aldeia Areia Branca		
22.	Aldeia Bacaval		
23.	Aldeia Nova		
24.	Aldeia Velha		
25.	Aldeia Pedra Bonita		
26.	Aldeia Seringal 1		
27.	Aldeia Seringal 2		

Fonte: Maniumytsa (2024).

As trinta e oito aldeias foram constituídas a partir das nossas vivências e convivências no espaço da terra, no interagir com a natureza, com a delimitação dos lugares de caça, de pesca, de extração de frutas e de remédios naturais, feita pelos anciões que conheciam o território e compartilhavam os conhecimentos com os mais jovens, observando os ciclos da natureza. Como também o espaço de enterrar os

nossos mortos e de fincar moradia, organizando aldeias (Quadro 1) para criar os nossos filhos em segurança.

Em 1985, os Rikbaktsa retomaram a terra Japuíra de um fazendeiro e em seguida já conseguiram demarcar e homologar, porque ficou oficialmente comprovada que o território pertencia ao nosso povo (Arruda, 1998). A Terra Indígena Japuíra está localizada no município de Juara, entre o rio Arinos e rio do Sangue, onde os Rikbaktsa construíram várias aldeias para a suas moradias.

Hoje, o povo Rikbaktsa tem três áreas demarcadas e homologadas (Quadro 2). A Terra Indígena Erikpaktsa ou Rikbaktsa, no município de Brasnorte, é estruturada por 27 aldeias. A Terra Indígena Japuíra que fica no município de Juara, organizada por oito aldeias e a Terra Indígena Escondido, localizada no município de Cotriguaçu, constituída por três aldeias. As três Terras Indígenas estão demarcadas e homologadas conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Área das Terras Indígenas Rikbaktsa

Nome da Terra Indígena	Nº do Decreto de Criação - /Ano	Data da homologação	Quantidade em hectares	Quantidade em metros quadrados	Município de localização/ UF
Escondido	1.075/1998	08-Set-98	168.938 ha	16,8938 m^2	Cotriguaçu/ MT
Japuíra	92.011/1985	15-Jan-90	152.509 ha	15,2509 m^2	Juara/MT
Erikpaktsa	63.368/1968	24-Dez-91	79.935 ha	7,9935 m^2	Brasnorte/ MT
Total da área ocupada atualmente pelos Rikbaktsa					**401.382 ha 4.013.820.000 m^2**

Fonte: FUNAI - Lista de Terras Indígenas no Brasil[2]. Adaptação de Lobato (2020).

A luta pela área Escondido, no município de Cotriguaçu começou em 1985, e foi demarcada e homologada a partir de 1998. Logo em seguida o povo Rikbaktsa abriu uma aldeia chamada “Babaçu”, que existe até hoje, e o povo ainda reside naquela aldeia. Os Rikbaktsa recentemente construíram outras aldeias para morar e cuidar de suas famílias, considerando o fato que suas famílias aumentaram e precisavam cuidar e preservar o território (Arruda, 1992) e (Athila, 2006).

Os Rikbaktsa sempre foi um povo guerreiro que cuidou bem dos seus territórios. Eles sempre lutaram para que ninguém tomasse a suas terras. Segundo o relato dos mais velhos, o povo guerreava com os seringueiros, que queriam invadir as

[2] 6ª Câmara - Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/docs/terras-indigenas/docs_documentos/Lista_TI_Brasil_FUNAI.pdf/view. Acesso em: mar. 2020.

terras por causa da borracha e com os garimpeiros que queriam explorar minérios nos territórios do povo (Arruda, 1992).

Os Rikbaktsa também guerreavam com os outros indígenas dessa região, os Cinta Larga, os Enawene Nawê, os Irantxe, dentre outros do noroeste mato-grossense, para defender seu território e manter a subsistência (Athila, 2006, p. 75).

Para Athila (2006), um dos fatos que também causou a diminuição da população Rikbaktsa foram as guerras que o povo enfrentava contra outros índios de outras etnias e contra os brancos. Nessa batalha muitos já nem voltavam mais para a suas casas, porque perdiam a suas vidas.

As coisas boas desse tempo passado se centram no fato deles fazerem muitas amizades com outras pessoas e a possibilidade de participar nas aldeias visitadas da festa tradicional (Dornstauder, 1975). Nesses eventos, eles ficavam para participar da festa até o final.

A interação com as outras aldeias potencializava a descoberta de novos parentes próximos, verdadeiros, por meio da pintura corporal e de acordo com o clã que cada um pertencia. A descoberta revelava se era do clã da arara cabeçuda ou da arara amarela. (Athila, 2006). Assim eles ficavam conhecendo os seus parentes, pois todos os Rikbaktsa participavam das Festa Tradicionais, cantando, dançando, praticando ritos, relembrando mitos fazendo cerimônias culturais (Arruda, 1992). Essa divisão possibilitava o conhecimento dos parentescos e organização das relações matrimoniais, por exemplo.

1.1. A pacificação dos brancos

Com achegada dos não índios, muitos Rikbaktsa morreram de doenças como sarampo, catapora, tuberculose e malária, causando epidemias muito violentas que dizimaram a maior parte da população do povo Rikbaktsa.

Segundo relato dos anciãos, o povo se reduziu a duzentas pessoas que sobreviveram dessas doenças. Nas décadas de 1940 e 1950, chegaram os seringueiros para a extração de látex. Época em que eles invadiram a nossas florestas e às margens dos nossos rios Aripuanã, Arinos, Rio do Sangue e Juruena.

Nesse período surgiram muitos embates violentos com ações armadas em que causaram muitas mortes do meu povo Rikbaktsa e dos seringueiros, resultando na perda de muitas vidas humanas dos dois lados. A situação ficou insustentável e

precisava de uma solução para o problema dos confrontos entre os indígenas de Mato Grosso, incluindo nós, os Rikbaktsa e os brancos (não indígenas). Conforme a Figura 2, pode-se observar o translado das crianças Rikbaktsa para o Utiariti.

Figura 2 – Área das Terras Indígenas Rikbaktsa



Fonte: Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Povo Rikbaktsa (MATO GROSSO, 2020, p. 29).

Uma possível solução veio por meio do padre João Dornstauder, que mediou a pacificação dos Rikbaktsa conduzindo às pazes com os brancos. Logo em seguida, as crianças foram retiradas das suas aldeias e levadas de barco para o internato do Utiariti, a 200 km de seus territórios (Figura 2).

Para Pacini (1999, p. 17):

> O processo de pacificação Rikbaktsa aconteceu em três fases: primeiramente, o objetivo era atraí-los para "amansá-los", depois "impor" a educação através dos PAIs, a fim de transformá-los em "semisselvagens" e, por fim, introduzi-los ao mundo do trabalho, como mão de obra barata, qualificando os indígenas pelas técnicas agrícolas e industriais.

Esta qualificação se referia ao ensinamento pelos brancos aos indígenas do uso de ferramentas como foices e enxadas. Os PAIs, eram Postos de Atendimento Indígena, no qual eram atendidos tantos indígenas quanto os seringueiros. No internato de Utiariti, as nossas crianças foram estudar junto com as crianças de outras etnias Parecis, Irantxe, Nambikwara e Kayabi. Lá eram proibidas de falar a sua própria língua materna e de utilizar a sua cultura. Por isso, muitas crianças perderam a suas

línguas maternas, e também deixaram de praticar a sua própria cultura, caso desobedecessem sofreriam castigos físicos.

> Os castigos físicos parecem ter sido frequentes e corriqueiros, a disciplina era mantida "a ferro e fogo". Os "pequenos", até mais ou menos 10 anos, ficavam sob o cuidado das irmãs. Dizem que apanhavam delas duro e com frequência com varas, na batata da perna. Ao passarem para outro grupo de idade, eram cuidados pelos "mestres" e as surras eram piores (Arruda, 1992, p. 134).

A afirmação de Arruda (1992, p.134) se confirma no relato de alguém que foi internada no Utiariti. A minha mãe, dona Maria Madalena Maudu, relatou que eles sofreram muito, porque tiveram que se adaptar aos costumes dos não índios. “No internato, as crianças conviviam com diversas etnias, eram separados por sexo, não podiam falar sua língua materna e nem realizar suas práticas culturais, além de sofrerem repreensão e mau trato” (Pires, 2012, p. 38).

Para os Jesuítas, o posto missionário do Utiariti tinha a missão de “civilizar” os indígenas à medida que os educavam ao assisti-los em várias especificidades, conforme descreve Pires (2012, p. 37).

> O Posto Missionário de Utiariti teve seu início em 1945, localizado a 650 km de Cuiabá. O internato foi criado alguns anos depois, em 1948, instalados em um antigo posto das linhas telegráficas, tornando-se um centro das atividades jesuíticas no atendimento aos indígenas. Formado por um centro educacional, também contava com roças, centro médico e produção de bens para venda.

No internato, os padres e irmãs orientavam como os indígenas deveriam trabalhar, lá eram impedidos de falar a língua materna e eram obrigados a seguir a educação passada pelos padres. Então os não-indígenas ensinavam e trabalhavam com os indígenas nessas roças. Os indígenas tinham que seguir todas as regras que eram mandados; se não obedeciam eram castigados; também eles tinham que trabalhar duro na roça.

Os meninos plantavam e colhiam e as meninas torravam farinha e faziam açúcar de cana, como também, os afazeres domésticos, além de ajudar a cuidar das crianças pequenas.

Os alojamentos das crianças eram separados: as meninas ficavam nos seus alojamentos e os meninos em outro. Todos eles dormiam na rede, conforme a figura 3.

Figura 3 – O dormitório das crianças Rikbaktsa no internato do Utiariti



Fonte: Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Povo Rikbaktsa (MATO GROSSO, 2020, p. 32).

Quem cuidava das meninas eram as irmãs e dos meninos eram os padres. Todos eram tipificados como seres únicos sem considerar as especificidades de cada um.

1.2. O retorno dos Rikbaktsa para seu território

Em 1974, os Rikbaktsa foram trazidos de volta para as suas áreas pelos jesuítas. A expectativa para os indígenas era muito grande, pois todos estavam com muita vontade de vir morar com a suas famílias nas suas aldeias de origem.

Os padres trouxeram os Rikbaktsa porque terminou o projeto da Missão Anchieta, por esse motivo tiveram que trazer eles para suas terras, onde os Rikbaktsa sobrevivem até os dias de hoje.

Os Rikbaktsa adultos foram transferidos para aldeia Barranco Vermelho onde os jesuítas moravam, lá eles catequizavam e cuidavam das pessoas, depois disso foram abrindo outras aldeias na margem do rio Juruena, onde foi aberto aldeia Segunda, aldeia Primavera e aldeia Nova.

O território que os Rikbaktsa começaram a morar foi na área Erikpatsa entre o rio do Sangue e rio Juruena, esse território é bem pequeno e fica localizado no município de Brasnorte – MT. A Terra Erikpatsa foi demarcada e homologada a partir de 1968, com a ajuda da Missão Anchieta.

A partir de meados dos anos 1970, a Missão Anchieta reconheceu os direitos dos povos indígenas e começaram a dar o direito e autonomia para que *os* indígenas pudessem usufruir de sua própria cultura.

A organização indígena interna estimulou os Rikbaktsa a ensinar os jovens que vieram de Utiariti a voltar aos costumes da cultura: a maioria começou a aprender a falar a língua materna, a cantar no seu idioma, a dançar, a pintar o corpo, a fazer artesanato e a confeccionar panela de argila. A argila como matéria prima para confecção de panelas e para uso medicinal, também compõe a riqueza dos diferentes tipos de solo encontrado nos territórios indígenas.

1.3. A Organização Social do Povo Rikbaktsa

A partir do meio da Década de 1970, a Missão Anchieta aos poucos começou a reconhecer os direitos dos povos indígenas. Esse reconhecimento foi relevante para a conquista da nossa autonomia, resultando no mergulho à nossa cultura indígena. Conforme nos descreve Arruda (1998, p. 3):

> Na década de 70, a atuação missionária se modificou, atenuando seu autoritarismo, reconhecendo o direito dos povos indígenas à sua própria cultura e abrindo mais espaço, sempre reivindicado pelos Rikbaktsa, a uma maior autonomia. Desde o final dos anos 70 passam a lutar pela recuperação de parte de suas terras. Em 1985, conseguiram retomar a região conhecida por Japuíra. Continuaram a luta pela região do Escondido, demarcada pelo Estado brasileiro só em 1998, estando, entretanto, ainda invadida por garimpeiros, madeireiras e empresa de colonização.

O ato de usufruir dos nossos próprios saberes e fazeres foi determinante para a retomada da nossa Organização Social. O povo Rikbaktsa começou a ensinar os jovens que vieram de Utiariti.

O ensino a partir dos próprios Rikbaktsa se estrutura na ação educativa de aprender a falar a língua materna, de cantar no nosso idioma, de dançar do nosso modo, de pintar o corpo com as pinturas de nossos clãs, de fazer artesanato, de confeccionar panela de argila, de aprender as nossas histórias e com elas retornar aos nossos mitos, ritos e cerimônias.

As narrativas das histórias foram elementos relevantes para o fortalecimento da nossa identidade, nos conectando com o aprendizado que os ex-internos obtiveram dos mais velhos ao sentarem para ouvir o que os anciãos e anciãs ensinavam.

Para Lobato (2020, p. 115) “o conjunto de elementos culturais que deram sustentação para a organização social e cultural do povo serve para sua orientação enquanto ser desse grupo e isto faz definir seu lugar no mundo”. Contudo, Silva alerta que:

> essa conectividade vai depender dos instrumentos materiais, sociais e cosmológicos de que dispõe o grupo e da forma de pensamento de quem o ocupa. Assim, os mitos, os ritos, as cerimônias, as histórias antigas, os cantos, as regras, as leis, os princípios, constituem a base dessa organização que orienta o povo ao longo de suas vidas. Todos esses aspectos guardam verdades que só são passíveis de aceitação quando interpretadas com os elementos culturais que lhes deram origem (Silva, 2013, p. 72).

A retomada dessa conectividade se estruturou a partir das narrativas e nos levou a agir de acordo com a disposição dos nossos clãs para determinar os papéis nesse novo recomeço, em que cada Rikbaktsa precisava se ater ao seu papel dentro da nossa organização social, tendo em mente que

> Nessa abordagem dos clãs, o povo Rikbaktsa se constitui como uma sociedade organizada pela divisão de duas metades exogâmicas, cuja configuração inicial é formada por uma unidade social atrelada a um ancestral comum por laços de descendência. Fato que para Hahn (1976), trata-se de uma relação de descendência Patrilinear (agnática), ou seja, a mãe não consiste em elemento de ligação, mas somente os pais dão origem a formatação parental (Lobato, 2020, p. 54).

Essa organização social se entrelaça por meio dos clãs que estabelecem os papéis a serem desempenhados, definindo as funções dos homens e das mulheres, o tipo de comida, os casamentos, as obrigações nas festas, na derrubada da roça, nos funerais e nos mais variados assuntos que envolvem o povo, mas tudo com base no lado que o Rikbaktsa, o Clã *Hazobiktsa* (arara cabeçuda) e o *Makwaraktsa* (arara cabeçuda) são os clãs principais de todos os demais, eles que puxam as festividades e coordenam a vida na aldeia, são separados pelos parentescos.

Esse modelo de organização social caracteriza a forma como nos percebemos nas relações que estabelecemos entre nós e com os nossos pares, desenhando o nosso modo de ser e de viver a partir dos regramentos que surgem da maneira como escolhemos conviver ao longo dos tempos. Nessa direção, Arruda (1998, p. 6) relata:

> Os Rikbaktsa dividem os seres do universo em duas séries opostas e complementares. Essa divisão, embora utilizada para os outros seres da natureza, opera mais extensamente em relação à sociedade Rikbaktsa e, configurada no sistema de parentesco, fornece o princípio classificatório mais abrangente através do qual organizam sua vida social. A sociedade Rikbaktsa é dividida em metades exogâmicas, uma associada à arara amarela (Makwaraktsa) e outra à arara cabeçuda - um tipo de arara vermelha - (Hazobiktsa), cada uma subdividida em vários clãs, associados a animais e vegetais.

A compreensão dessa organização também tem o propósito de identificar as metades para evitar casamentos entre parentes próximos que pertencem a cada subclã, conforme quadro 3.

Quadro 3 – Organização social dos Rikbaktsa

CLÃ ***HAZOBIKTSA*** (Arara Cabeçuda)	**CLÃ** ***MAKWARAKTSA*** (Arara Amarela)
Umahatsa Figueiras	*Tsikbaktsa* Arara vermelhinha
Tsuãratsa Macuquinhos	*Bitsitsiktsa* Imberici
Tsawaraktsa Coquinhos	*Mybaiknytsa* Macaco Quatá
Boroktsa Árvore Leiteira	*Dururuktsa* Onça Preta
Zeohopyrytsa Jenipapo	*Wohiyktsa* Fruta Amarela

Fonte: Maniumytsa (2024).

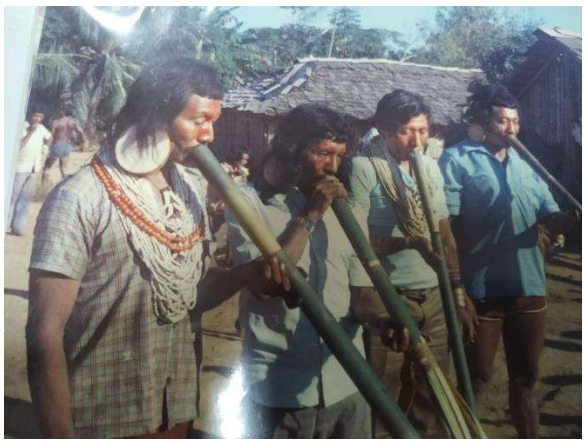
Ao observar o Quadro 3 pode-se verificar que cada “lado” (clã) tem as suas subdivisões. Essas “metades” de cada clã são parentes próximos e não podem casar-se entre si, mas sempre com o lado oposto. Essa separação implica na função de cada pessoa, na pintura, na alimentação, nos artesanatos, na posição nas festas, bem como nos ritos e cerimônias. Do ponto de vista de Utumy e Leão (2018, p. 431), essa organização é assim descrita:

> as subdivisões do clã da arara amarela (Makwaraktsa) compreendem os seguintes subgrupos: Tsikbaktsa (uma espécie de arara vermelha); Bitsitsiyktsa (um tipo de fruta silvestre); Mubaiknytsitsa (macaco aranha ou quati); Zoktsa (vegetal conhecido como pau torcido, que é um tipo de arbusto); Zuruktsa (animal feroz parecido com a onça, porém já extinto); e Wohorektsa (certo tipo de árvore). Já as subdivisões do clã da arara cabeçuda (Hazobtisa) compreendem: Umahatsaktsa (figueira); Tsuãratsa (macuquinho); Tsawaratsa (árvore do inajá); Bitsiktsa (tucano); Buroktsa (árvore conhecida como pau leiteiro); e Zerohopyrytsa (jenipapo).

A descrição traz de forma minuciosa a versão em Português dos nossos subgrupos, caracterizando que ora nos ligamos a um animal, ora a uma árvore, indicando o quanto do nosso ambiente da mata está misturado em nós, na nossa essência.

Na figura abaixo pode-se ver duas imagens, A e B, intitulada como Pintura Corporal e Dança do povo Rikbaktsa, verificamos algumas características determinantes que envolve o pertencimento em cada clã.

Figura 4 – Pintura corporal (A) e Dança (B) do povo Rikbaktsa

A	B
	

Fonte: Maniumytsa (2024).

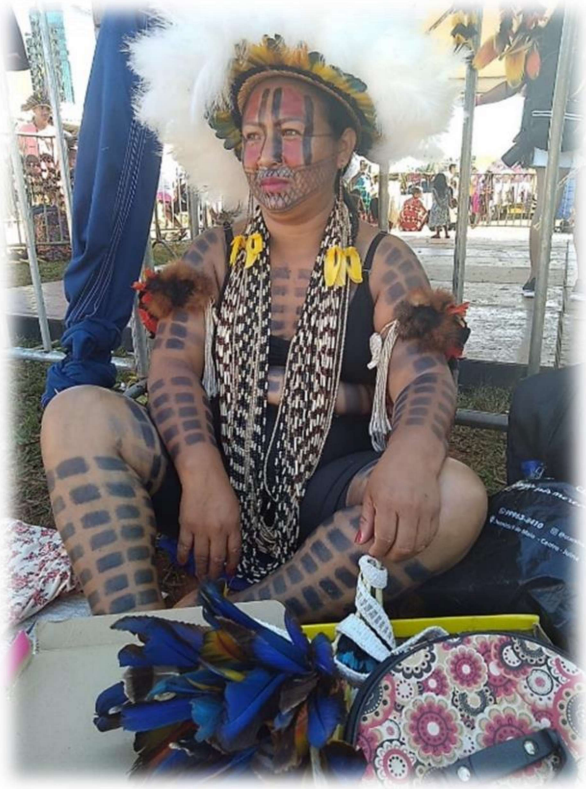
Aponto que a pessoa de *shorts* preto, na Figura 4, pertence ao clã da Arara Cabeçuda, fato que se comprova pela pintura corporal com traços grossos, enquanto os demais têm traços finos. O cocar (adorno da cabeça) também é diferente em relação aos outros. A imagem B refere-se à dança cultural, nesse momento quem faz as flautas pertence ao clã da Arara Cabeçuda, da mesma forma que quem puxa a dança e todo ritual são os pertencentes ao Clã *Hazobiktsa* (arara cabeçuda). No entanto, a divisão entre diferentes clãs não implica nas atividades correlacionadas diretamente com a roça, apenas tem a ver com ações ligadas às festas e casamentos. Em relação aos casamentos, Arruda (1998, p. 6) esclarece:

> Os casamentos são realizados entre as metades. Na década de 70, apesar de considerados incestuosos, realizaram-se casamentos entre membros da mesma metade de parentesco, em parte devido a dificuldades derivadas da mortalidade pós-contato, em parte induzidos pelos jesuítas no seu esforço "civilizatório". Atualmente as prescrições tradicionais são seguidas com rigor. A descendência é patrilinear e se funda na crença de que uma criança é gerada pelo pai, assemelhando-se sempre a ele e nunca à mãe. Além disso, parecem acreditar que qualquer outro homem que copular com uma mulher grávida participa da paternidade. Dizem que o filho toma o lugar do pai, dá continuidade a ele. A ligação entre pai e filho (ou filha) ultrapassa o momento da geração, sendo considerada um elo vital (mais do que social) que se estende por toda a vida. O casamento preferencial é entre primos cruzados e a regra de residência é uxorilocal, isto é, o noivo vai morar com os pais da noiva.

Apresento ainda como destaque, abaixo em detalhes a linda pintura de uma mulher pertencente ao clã da arara cabeçuda. Sua pintura corporal sinaliza seu lado de pertencimento que está ligado ao clã do pai e não da mãe. Todos os filhos e filhas,

nas festas ficam com o pai, por pertencerem ao seu clã e não ao clã da mãe que é oposto ao do pai.

Figura 5 – Indígena com pintura corporal do clã Arara cabeçuda



Fonte: Maniumytsa (2024).

A organização dos clãs (Quadro 3) e suas linhagens, de um lado a *Makwaraktsa* representando uma das metades e do outro lado a *Hazobiktsa* completando a outra metade que juntas representam o povo Rikbaktsa em sua essência cultural em que suas manifestações sociais advém das relações estabelecidas por cada clã principal, entrelaçando o sentimento de pertencimento por meio de suas partes.

1.4. A Educação Tradicional do Povo Rikbaktsa

A educação tradicional do povo Rikbaktsa, no que se refere aos homens acontecia em uma casa chamada *mykyry.* Nesse lugar só os meninos frequentavam para um fim específico que caracterizava a materialização da nossa cultura. Os homens mais velhos ensinavam todos os conhecimentos para os mais jovens. Ali eles já saiam pronto para viver a sua vida e já podiam até casar e organizar a sua família, com a responsabilidade de formar outros Rikbaktsa, no *mykyry.*

> O *mykyry*[3] é um espaço onde o jovem Rikbaktsa se sentava para aprender e aprendia porque alguém o ensinava e esse processo de ensino e de aprendizagem se estruturava à medida que havia apropriação do conhecimento ensinado. Ao utilizar esse conhecimento os Rikbakta legitimam a sua cultura pelos seus modos próprios de ser/saber/fazer (Lobato, 2020, p. 129).

As meninas eram ensinadas pelas mães ou por outras mulheres na casa *wahoro* que é um lugar em que a organização social dos Rikbaktsa é estruturada a partir das relações que a família estabelece o preparo da menina para ser futuramente a mãe, a mulher e a sustentação da casa junto com seu marido *ibarikta*[4], com o entendimento que *wahoro*[5] é o lugar onde a mulher aprende para a vida, porque

> a "casa" *wahoro* é percebida agora como *lócus* de aprendizagem da mulher. A jovem desde infante é ensinada a ser mãe, mulher, coprotetora do lar. Junto com essas funções, a principiante traz consigo a responsabilidade de aprender a causar a harmonia, o equilíbrio, a beleza e o viver bem da família, orquestrando o bem viver[6] da aldeia (Lobato, 2020, p. 121).

A educação tradicional dos homens do povo Rikbaktsa acontecia em uma casa chamada *mykyry*. Nesta casa, se reuniam apenas os homens para compartilhar ensinamentos, decidir encaminhamentos, resolver problemas, elaborar eventos, celebrar ritos, mitos e cerimônias. A entrada no *mykyry* pelos homens se dava quando esses eram ainda crianças, isto é, meninos a partir dos 8 a 10 anos, conforme descreve Arruda (1998, p. 5) que diz:

> Com 8-10 anos de idade já sabe fazer seu próprio arco e flechas, ainda que menores do que os de um adulto, usando-os com alguma maestria. Quando já sabe flechar bem, aos 11-12 anos, fura o nariz na festa do milho, na estação das chuvas, e ganha seu segundo nome, um nome intermediário entre seu nome de criança e o de adulto, que portará mais tarde. Começa a frequentar (*mykyry*) a casa dos homens durante o dia, aprendendo sobre as festas, sobre os mitos, a respeito da utilização de ervas medicinais; aprende a tocar flauta, fazer os enfeites plumários, arcos e flechas de adultos.

Essa entrada dependia da "maturidade" observada pelos mais velhos, mas decidida pelos pais. Que ao chegar o tempo certo, o conduzia ao *mykyry* (Figura 6), em um final de madrugada na casa dos homens, para começar a aprender os nossos costumes da nossa cultura. Em algumas aldeias mantivemos o costume e passamos às novas gerações.

Figura 6 – Casa de Aprendizagens Homem Rikbakta – Mykyry

---

[3] Espaço de aprendizagem dos homens solteiros e viúvos Rikbaktsa.
[4] Seu marido na versão da língua materna Rikbaktsa.
[5] Casa, na versão da língua materna Rikbaktsa.
[6] Segundo Alberto Acosta (2016), "o Bem Viver é eminentemente subversivo. Propõe saídas descolonizadoras em todos os âmbitos da vida humana. O Bem Viver não é um simples conceito. É uma vivência" (Lobato, 2020, p. 121).



Fonte: Acervo do Professor Rikbakta Antônio Penuta (2019).

Os homens ensinavam todos os conhecimentos, saberes e fazeres para os jovens. Esses eram observados e ensinados o tempo todo, dentro e fora do *mykyry* (Figura 6). Ali eles já saiam completos para viver a sua vida, como homens Rikbaktsa, prontos para casarem, para organizarem família e ensinarem outros no *mykyry.*

A realidade acima difere e muito quando se trata da educação tradicional das meninas Rikbaktatsa (pessoas do sexo feminino). (Boswood, 1978). As mulheres são assim chamadas, enquanto os homens são nomeados em nossa língua de Rikbakta (pessoas do sexo masculino), mas quando nos referimos ao povo (homens, mulheres e crianças) denominamos de Rikbaktsa.

As meninas *(Jabyiza)* desde cedo acompanham suas mães em tudo. São ensinadas na casa *(wahoro)*. (Lobato, 2020). Nesse lugar de aprendizagem, as mães, avós, tias, irmãs mais velhas e demais mulheres da aldeia se ocupam da educação das Rikbaktatsa, preparando-as para serem futuramente mães de famílias, com habilidades para se tornarem *wytyk*[7] (mulher).

1.5. A Educação Escolar do Povo Rikbaktsa

A educação escolar do povo Rikbaktsa começou no Utiariti com a Missão Anchieta e continuou na aldeia Barranco Vermelho, após o retorno ao nosso território no início da Década de 1970. Nessa época quem dava aula eram as freiras. Atualmente às escolas na aldeia, levam os alunos para conhecer o plantio tradicional.

[7] Termo usado para mulher adulta, casada na língua Rikbaktsa.

Ao longo desse período os Rikbaktsa começaram a se reorganizar, cuidando dos que foram internados e retornaram, se reencontrando com outros que estavam distantes, espalhados e embrenhados por outras áreas como o Escondido, no município de Cotriguaçu.

Em 1977, os Rikbaktsa assumiram a educação escolarizada porque as irmãs tiveram que sair das aldeias a pedido de algumas lideranças. Esse fato potencializou o surgimento da função do ato de ensinar a ler e a escrever por alguns de nós que assumiram a tarefa de ser professor. Mas consciente que o aprender a partir da visão de não indígena é antes de tudo um ato de autodefesa, conforme argumenta Rikbakta (2016, p. 27):

> A educação escolar indígena é um complemento para autodefesa para o povo. Diante das violações dos direitos indígenas e suprimindo a tranquilidade do povo, a escola também teve que ser adaptada no meio social Rikbaktsa, de forma que se torna uma ferramenta para autodefesa a leitura e a escrita. Os registros realizados pelos próprios protagonistas étnicos se tornam nítidos a veracidade dos fatos étnicos de um povo. Por isso a importância da leitura e da escrita.

A partir disso foram surgindo os novos professores Rikbaktsa. Hoje temos mais de quarenta professores em todas as aldeias, trabalhando para a nossa população indígena, formados pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

Atualmente, a sede das escolas Rikbaktsa é a Escola Estadual *Myhyinymykyta Skiripi* localizada na aldeia Barranco Vermelho no Município de Brasnorte, aqui no estado de Mato Grosso. Temos também oito escolas que são anexas a escola da sede, onde os alunos de outras aldeias estudam e os professores são todos indígenas. A maioria são habilitados, mas alguns estão cursando cursos superiores em Licenciaturas, como também em outras formações em nível superior.

2. A METODOLOGIA DA PESQUISA: O CAMINHO PERCORRIDO

Para a estruturação teórica do trabalho com dados científicos, foi utilizada a pesquisa bibliográfica por ser um método de pesquisa que utiliza materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses, etc. Este método de pesquisa é um conjunto ordenado de procedimentos de busca focado ao objeto de estudo que pode ser realizado de forma independente ou constituir parte de uma pesquisa descritiva ou experimental (Farias Filho e Arruda Filho, 2015).

Dessa forma, foram feitas abordagens sistemáticas usadas para coletar e analisar dados por meio principalmente de livros e artigos científicos com o objetivo de investigar sobre o objeto da pesquisa, bem como sobre os aspectos inerentes ao povo Rikbaktsa.

2.1. Tipologia da Pesquisa

A pesquisa é de abordagem etnográfica pela natureza que assume o fato em que o pesquisador investiga seu próprio ambiente e "mergulha" em suas origens para produzir dados com o seu próprio povo, resultando assim em um exercício que D'Olne Campos, (2002, p. 61) adverte que:

> Por mais paradoxal que pareça, quando estamos entre nós fazendo uma etnografia de um contexto local da nossa própria sociedade complexa, essa alta frequência de transições se impõe também para podermos lidar com o distanciamento, para podermos estranhar os nossos próprios pares observados, apesar da aparente familiaridade.

Nesse entendimento, é preciso, a todo instante, estranhar o familiar e aproximar do que é estranho, em um exercício que não é fácil, mas necessário para manter o caráter científico da pesquisa, tratando de modo sério os dados produzidos pela oralidade por meio da pesquisa fruto da ação etnográfica, em uma compreensão que "fazer Etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer Etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais" (Mattos; Castro, 2011, p. 45).

Nessa direção, a Etnografia

> [...] é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura. Estudar a

> cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo (Angrosino, 2009, p. 16).

A busca etnográfica em um contexto em que o pesquisador indígena passa do seu viver cotidiano, mediado pela sua cultura, para um lugar em que ele precisa dar respostas às inquietações que fomentam a investigação, o obriga parar para compreender a conjuntura tecida por fios que se unem para formar um modo de ser e de viver que o investigador sozinho não dá conta de explicar, por isso, precisa buscar dentro do seu povo as explicações que lhe dê argumentos capazes de responder a tal situação interrogativa, na compreensão que

> Fazer Etnografia é como tentar ler (no sentido de 'construir uma leitura de') um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 2008, p. 7).

Ainda que seja membro nato do povo pesquisado, essa nova situação faz com que o pesquisador saia da condição em que estar para adotar uma nova postura em relação as suas hipóteses com aquelas compartilhadas pelas pessoas do seu grupo indígena, a partir disso, encontrar um modelo de entendimento, ao compreender que a Etnografia é um modo próprio de fazer pesquisa dentro do ambiente de um povo, para comprovar, refutar ou ainda, evidenciar comportamentos; como descrevem Mattos; Castro (2011, p, 51) ao afirmarem a

> Etnografia é um estudo holístico que busca entender as percepções e comportamentos na rotina diária de grupos sociais ou pessoas, a fim de elucidar o significado cotidiano, nos quais o ser humano age. "O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação".

Por meio da técnica de História Oral, essa pesquisa qualitativa buscou compilar e sistematizar esse etnoconhecimento, permitindo obter informações precisas e confiáveis advindas diretamente da memória do povo Rikbaktsa, uma vez que o trabalho aqui explicitado é desenvolvido por um Rikbakta que utilizou dessa abordagem como procedimento, de acordo com Garnica (2019, p. 88), que afirma:

> A constituição de fontes de estudos a partir da oralidade ou a elaboração de fontes, a partir da oralidade podem disparar um exercício historiográfico. Ao mobilizarmos a História Oral em trabalhos acadêmicos registramos memórias, e estes registros servirão para os fins que os pesquisadores julgarem adequados dar a eles.

A História Oral (Bicudo, 2019), serviu para alcançar os dados pertinentes ao tema selecionado ao utilizar a ferramenta da entrevista, que se configura como uma

técnica de pesquisa qualitativa que permite ao pesquisador um relacionamento direto com o entrevistado, pois além de ser um instrumento de pesquisa versátil, busca auxiliar na compreensão de fatos e fenômenos.

A pesquisa qualitativa (Minayo *et al*, 2000), argumenta os resultados do estudo por meio de análises e percepções, cuja problemática envolve a descrição por meio das percepções que podem contemplar interpretações mais subjetivas, envolvendo sensações, pensamentos, opiniões, sentimentos, lembranças. Nesse tipo de processo de pesquisa não se busca efetivamente números para compor um determinado resultado, mas sim a compreensão das trajetórias que conduzem à problemática.

2.2. Caracterização do campo/participantes

A pesquisa foi realizada no período de abril a setembro de 2023, nas aldeias Primavera; Vale do Sol; Areia Branca e Aldeia Nova. Todas na Terra Indígena Erikpaktsa, no município de Brasnorte, noroeste de Mato Grosso.

Foram entrevistadas quinze pessoas do meu povo; entre eles, cinco anciãos, anciãs, quatro mulheres, um homem e cinco jovens estudantes que foram fundamentais para a estrutura da escrita.

Os ancião e anciãs participantes da pesquisa foram escolhidos de acordo com os propósitos de escrita em cada seção. Preferir entrevistar alguns que passaram pelo internato do Utiariti, outros que estavam durante o período do contato com o não indígena, mulheres de clãs diferentes que conviveram ou que são de famílias que preservam a cultura em sua raiz e outras que sofreram grandes influências dos que foram internados fora das aldeias. Além disso, nossos alunos do ensino médio da Escola Estadual Indígena *Myhyinymykyta Skiripi*, localizada na Aldeia Barranco Vermelho, na Terra Indígena citada acima.

Os participantes da pesquisa são de faixa etárias distintas que variam de dezessete a setenta e cinco anos de idade, pertencentes a quatro aldeias diferentes, algumas delas exercem função de liderança e o homem já foi cacique da aldeia Primavera, nos idos dos anos noventa. Esse mesmo homem já foi dono de roça, portanto, dono da festa, por isso, já foi organizador de derrubadas, sendo também confeccionador de flautas para a festa (*Mymyikaha*).

2.3. Percurso didático

O meu estudo para a escrita do texto dessa pesquisa, sem dúvida alguma passou pela minha sala de aula e envolveu os meus alunos, numa estrutura que eles foram participantes ativos no decorrer da produção de dados.

Para isso, organizei planos de aulas que dessem condições de materializar a temática da pesquisa. A elaboração contemplou uma parte teórica com base no componente curricular: História e a prática que se desenvolveu por meio da escuta dos anciãos, na participação da feitura da roça, nos desenhos realizados e demais trabalhos feitos na sala de aula que se constituíram de leituras, perguntas e respostas, produção de textos e apresentação aos colegas do material produzido. Como também da audição dos mitos, contados por meio da história oral que narrou fatos históricos para explicitar um modo próprio da sociedade indígena, conforme preconiza o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 198) ao registrar:

> Nesta perspectiva, o ensino de História, nas escolas indígenas, não pode assumir as mesmas características do ensino nas escolas convencionais, principalmente porque o debate e o diálogo entre o professor, os alunos e a comunidade são fundamentais para explicitar a sua importância e suas finalidades sociais, históricas e pedagógicas. É importante considerar, também, que cada sociedade organiza suas narrativas de forma diferente, compreende a História de modo diverso e constrói concepções de tempo que precisam ser respeitadas.

Nessa direção foi realizado um trabalho de pesquisa com os alunos na roça de toco Rikbaktsa. Primeiro eu fiz o meu plano de aula (referido a seguir no Quadro 4), depois eu fiz a explicação na sala de aula e levei os alunos na roça para fazer observação da roça e das plantações. Pedi para os alunos fazerem as anotações de tudo que eles observaram e também pedi que cada um fizesse o desenho em seus cadernos no primeiro dia de aula.

A caracterização do plano de aula apresento no Quadro 4, para a visualização dos leitores interessados nesse trabalho de pesquisa entre os Rikbaktsa.

Quadro 4 – Roteiro do Plano de Aula

PLANO DE AULA
Professor: ARISTOTELES MANIUMYTSA Componente Curricular: História Séries: 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.
O QUE VOU TRABALHAR? História da roça tradicional do povo Rikbaktsa.

OBJETIVO DA AULA Ensinar a história da roça Rikbaktsa e fazer com que o aluno aprenda as técnicas de plantio de diferentes culturas, respeitando o meio ambiente e valorizando a alimentação tradicional.
COMO VOU TRABALHAR: • Fazer explicação do conteúdo na oralidade. • Levar os alunos na roça. • Pedir para os alunos levar caderno, lápis, borracha, caneta para eles fazer as anotações. • Fazer comentário sobre a importância da roça de toco na sala de aula. • Pedir para os alunos desenhar o mapa da roça e as plantas que tinha naquela roça no papel A4. • Pedir para os alunos produzir texto. • Pedir para os alunos fazer leitura de seus trabalhos. • Fazer comentário dos trabalhos dos alunos.
PARA QUE VOU TRABALHAR? Para que os alunos possam conhecer melhor a roça do próprio povo e buscar o conhecimento da sua cultura e aprender a forma de cultivar as plantações.
MATERIAL: Caderno, lápis, caneta, régua, papel A4, lápis de cor.
COMO VOU AVALIAR? Por meio de participação de cada aluno. Por meio de desenvolvimento no trabalho. Por meio de observação. Por meio de apresentação.

Fonte: Maniumytsa (2024).

No segundo dia, eu trabalhei na sala de aula, seguindo o Roteiro do Plano de Aula (Quadro 4), onde eu pedi para eles fazerem o trabalho em grupo, confeccionando cartazes sobre a observação da roça, e eles fizeram desenho e produziram texto sobre a roça. Na sequência solicitei que eles apresentassem os seus trabalhos. Cada um comentou a importância da pesquisa da roça tradicional e realizaram a leitura do texto feito por eles mesmos, então nós fizemos reflexão sobre a importância de continuar fazendo a roça de toco.

2.4. Produção de Dados

A produção de dados se deu por meio de entrevistas. As entrevistas são muito utilizadas no processo de trabalho de campo, pois busca estudar os aspectos subjetivos da realidade, permitindo compreendê-la junto às suas relações sociais, justamente por não poder ser quantificada. Nesse sentido, Fraser e Gondim (2004, p. 150), vão dizer:

> no caso das entrevistas qualitativas, a relação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado permite um diálogo amplo e aberto favorecendo não apenas o acesso às opiniões e às percepções dos entrevistados a respeito de um tema, como também a compreensão das motivações e dos valores que dão suporte à visão particular da pessoa em relação às questões propostas.

A elaboração do roteiro de perguntas, foi para instrumentalizar a entrevista semiestruturada, uma vez que esse tipo permite ao pesquisador uma maior liberdade de variar os questionamentos dependendo dos rumos que as respostas tomarem. Em uma dinâmica em que, as principais perguntas foram selecionadas, para dar condições à entrevista atender ao propósito que foi planejada; de maneira que a ordem das perguntas conduzisse ao entrevistado a fornecer respostas contextualizadas. Para isso, Minayo *et al* (2000, p. 57) afirma que:

> A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva.

As respostas foram obtidas de forma livre e espontânea, com o consentimento e autorização dos anciãos. Como ferramenta para capturar essas respostas foi utilizado o gravador de voz por meio de aparelho celular, permitindo aos entrevistados discorrerem suas considerações sem serem interrompidos e depois transcritas e compiladas, após a fase de indagação. Nessa direção, Silva (2018, p. 216) considera:

> Na etapa de indagação, o entrevistador faz perguntas/questionamentos que deixam mais lúcidas e claras as questões surgidas na narração. Esta fase tem como objetivo eliciar material novo e adicional, além do esquema autogerador da história contada. É o momento em que a escuta atenta do entrevistador produz frutos e sentidos. O auxílio do gravador é utilizado até essa fase. O sentido, entretanto, não está somente no "fim" da narrativa; ele permeia toda a história. E os sentidos podem ser explícitos e implícitos.

No Quadro 4 apresentaremos as perguntas que orientaram as entrevistas, a partir de um roteiro de perguntas semiestruturadas. As perguntas foram direcionadas a três categorias de acordo com a faixa etária que se pretendia fazer a abordagem.

Quadro 5 – Perguntas da Entrevista

Perguntas gerais	Perguntas para os anciões	Perguntas adolescentes
1) Quais são os mitos que vocês conhecem que envolve a roça Rikbaktsa? 2) Quais culturas são plantadas na roça do povo Rikbaktsa? 3) Que alimentos tradicionais são feitos com essas culturas? 4) Como é feito o plantio? 5) Qual papel do homem e da mulher na roça? 6) Qual importância desse conhecimento passado para as próximas gerações? 7) Que tipo de tecnologias foram desenvolvidas pelos Rikbaktsa para melhorar a roça? 8) Quais tecnologias não indígenas foram inseridas no trabalho da roça? 9) Como se deu a inserção de alimentos não tradicionais na alimentação dos Rikbaktsa que aconteceram após o contato e que não vieram da roça tradicional do povo, mas que agora faz parte do dia a dia das famílias Rikbaktsa? Gostaria que fosse diferente? Como e por quê?	1) O que você acha que mudou na roça Rikbaktsa após o contato? 2) Como é preparo da terra? 3) Antes a roça era somente para subsistência. Como é a questão da comercialização dos produtos vindos da roça? Como é organização econômica da comunidade? 4) Quais relação da roça com a lua? 5) Tem controle nos insetos, para a não estragar as plantas? 6) Qual é o papel da escola nesse sentido sobre a roça? 7) Na roça dos dias de hoje, qual dos alimentos ainda é da cultura nativa? 8) Em relação ao futuro da roça na comunidade, quais são as expectativas? 9) Antigamente era mais coleta ou plantio? 10) 10) Como a inserção de alimentos não tradicionais tem mudado a alimentação do povo e quais as consequências para a nossa saúde das próximas gerações?	1) Você sabe como era a roça tradicional antigamente? 2) Conhece algum mito? 3) Como você imagina que era a roça nessa comunidade há muitos anos atrás? 4) Qual o seu entendimento da roça de hoje em dia? 5) Você gostaria de mexer com a roça? De fazer o oque? 6) Que ritual da roça você mais gosta? 7) Quis são as ferramentas que vocês conhecem que são utilizadas na roça? 8) Que alimento você come e sabem que não são da roça e qual o que mais gostam? 9) Faça um desenho da roça de hoje em dia e faça um desenho da roça como você acha que era há muito tempo atrás.

Fonte: Maniumytsa (2024).

A pesquisa foi desenvolvida nas aldeias Primavera, Vale do Sol, Areia Branca e Aldeia Nova, no período de abril a setembro de 2023, juntamente com os anciões, os jovens e os alunos. A diferença de faixa etária foi proposital para compreender as diferentes percepções ao longo das gerações. Foram entrevistadas quinze pessoas da minha etnia, sendo cinco anciões com mais de 40 anos, cinco jovens de 20 anos acima e cinco alunos de 15 anos acima.

O trabalho de pesquisa qualitativo começou com os mais idosos da minha aldeia. Eu fui à casa deles, levei um caderno e o meu celular. O caderno que assumiu

o papel de diário de campo era onde estavam todas as perguntas que eu ia fazer e as minhas anotações sobre as minhas impressões das entrevistas e o celular era para gravar os entrevistados. Sobre esse registro, Minayo *et al* (2000, p. 64) afirma:

> Dentro da ideia de registro dos dados, destacamos o uso do diário de campo. Como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um "amigo silencioso" que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congregar os diferentes momentos da pesquisa.

A primeira pessoa que eu entrevistei foi a Domingas[8], presidente da ACEBRIK onde ela deu as informações sobre a roça de toco, sobre os mitos da roça e origem das sementes e as plantações, eu ia fazendo as perguntas e ao mesmo tempo ia gravando ela falando, o trabalho foi bem legal porque estava muito interessante eu ia bem calmo nas minhas perguntas, onde a mesma falou muito bem sobre a roça tradicional do povo Rikbaktsa.

Segundo relato de dona Domingas: “nós temos que manter a nossa cultura viva para que ela continue existindo em nosso meio, para que cada dia venham fortalecendo mais o nosso modo de vida”. Ela também disse que os professores precisam trabalhar na sala de aula com os alunos como faz a roça e como faz o plantio para que eles venham a aprender desde cedo para eles saberem como plantar os alimentos na roça.

O segundo entrevistado foi um ancião chamado Aroldo Rikbakta[9], eu fui à casa dele e o chamei para conversar. Ele pediu para nos sentarmos no terreiro da sua casa para contar a história da roça do passado e do dia atual, eu comecei a fazer as perguntas e foi bom porque ele gostou de dar explicação sobre a roça. O ancião dava risada porque ele lembrou das histórias de antigamente como era, eu também gostei muito porque descobri coisas que eu não sabia sobre a roça tradicional do povo Rikbaktsa.

A entrevista era semiestruturada (Minayo *et al*, 2000, p. 58) que, de acordo com essa autora:

---

[8] Domingas Apatso Rikbaktatsa, liderança feminina, presidente da ACEBRIK - Associação Cultural e Educativa Biblio-Óca do Povo Rikbaktsa. Pertencente ao clã *Makwaraktsa* (Arara Amarela). Mora na Aldeia Vale do Sol.

[9] Haroldo Rikbakta, ancião do povo, fazedor e tocador de flautas para as festas culturais. Pertencente ao clã Hazobiktsa (Arara Cabeçuda). Mora na Aldeia Primavera.

> As entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, toma-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas.

E por isso, dava condições aos entrevistados alongarem para além do que foi perguntado. Nesse contexto, o ancião comentou sobre a forma de fazer a roça de antigamente. Segundo ele, as roças eram menores e eram de toco porque não possuíam ferramentas para derrubada das árvores grandes e grossas, também disse como descobriu a semente de milho e falou o nome do dono da roça que era um homem/pássaro chamado *Duduba* (figura da mitologia Rikbaktsa).

O ancião também disse que o povo sempre foi muito organizado para fazer a roça individual e comunitário também falou sobre as festas da derrubada em que todos participavam das atividades. Ele também comentou da forma como era repartido os produtos que eram coletados na roça.

O Aroldo disse que os jovens devem continuar seguindo a nossa cultura para que o povo não venha deixar de praticar tudo aquilo que é da nossa própria cultura, e que não deixem de fazer a roça tradicional.

O ancião disse que estava pensando muitas coisas sobre roça, por causa das perguntas, fala que já houve mudança, principalmente nas plantas e nas roças de toco onde muitos jovens já não estão fazendo mais roça, para ele isso pode prejudicar o nosso modo de ser, porque o fazer da roça traz muitos ensinamentos, abordados em sua oralidade e com base em sua História de Vida. Sobre esse aspecto metodológico, Minayo *et al* (2000, p. 59) disse:

> Nesse procedimento metodológico, destacamos a noção de entrevista em profundidade que possibilita um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante. Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confidência. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

A terceira entrevista foi com as duas irmãs Julieta e Antonieta[10], a entrevista foi na escola depois do horário da aula foi onde elas contaram um pouco da história da

[10] Mulheres da Aldeia Areia Branca, pertencentes ao subclã Coquinhos = *Tsawaraktsa*, uma das partes do clã principal Arara Cabeçuda = *Hazobiktsa.*

roça de toco, elas disseram que a roça é muito importante para o povo Rikbaktsa porque é da roça que tiramos os nossos alimentos, por isso temos que continuar fazendo a roça.

As mulheres disseram que os nossos jovens não estão fazendo mais a roça e que precisamos incentivar eles a continuar se preocupando em fazer a nossa própria roça. Também disseram que hoje estamos consumindo só os alimentos que comparamos no mercado, não devemos deixar de consumir o nosso produto da roça porque eles fazem bem para a nossa saúde.

Elas também disseram que temos que consumir os produtos naturais porque faz parte da nossa cultura, e precisamos valorizar o nosso próprio alimento porque é muito importante para o nosso povo Rikbaktsa. A dona Antonieta disse que é muito importante a comercialização de produtos da nossa roça porque é onde arrumamos dinheiro para comparar o que precisamos, o que um possuía trocava com os demais, por isso precisamos plantar muitas plantas para vendermos no mercado e para os parentes nas aldeias.

Segundo a Elizete[11], outra mulher Rikbaktatsa que ao ser entrevistada disse que hoje a roça está mais fácil porque nós temos material para ser utilizado para fazer a nossa roça, atualmente temos machado, motosserra, foice e facão. Também disse que temos material para fazer o plantio assim como enxada e matraca, por isso facilitou muito o nosso trabalho na roça.

Ela também disse que as melhores luas para o plantio é lua cheia e crescente, porque as plantas crescem e se desenvolvem melhor esse são as luas que nós fazemos a nossa plantação em nossa roça e falou que em outras luas eles estragam e não dá nada de produção. O horário para o plantio deve ser na parte da manhã e à tarde, isso porque o clima mudou muito quase não está chovendo muito tem época que não chove e as plantações acabam morrendo por falta da água, e hoje temos que esperar o tempo certo para o plantio.

Segundo a dona Madalena disse que primeiro a chuva começava no mês de setembro e as plantações começavam no mesmo mês e quando era no mês de dezembro o milho fofo já estava bom para consumir, e hoje o clima está diferente não era como antes, agora nós temos que esperar a chuva para fazer o plantio. Fatos

[11] Elizete *Ukba*. Mora na Aldeia Primavera, pertencente ao clã *Hazobiktsa* = Arara Cabeçuda

esses que são descritos sobre a percepção indígena registrado no RCNEI (BRASIL, 1998, p. 252) que relata:

> os povos indígenas são capazes de descrever com riqueza de detalhes o comportamento dos animais; a diversidade das plantas; o movimento das águas; as mudanças do clima; o lento correr das estações; as mudanças que acontecem no céu ao longo do ano. Estes importantes conhecimentos, inclusive, têm sido utilizados na pesquisa científica atual, contribuindo para o melhor conhecimento dos ambientes brasileiros.

Ela também disse que o solo deve ser escolhido para que as plantações nasçam e cresçam bonitas, o solo vermelho serve para plantar arroz, banana, milho, cara e cana. O solo arenoso serve para plantar batata, mandioca e cara e nós devemos continuar plantando os nossos produtos para que ela venha continuar futuramente existindo em nosso meio. Os diferentes tipos de solo encontrados na comunidade são mostrados na figura 7.

Figura 7 – Tipos de Solo

Solo vermelho	*Solo preto*
	

Fonte: Maniumytsa (2024).

Segundo a Embrapa, latossolos são solos minerais que representam os tipos de solo. No Brasil, os latossolos vermelhos são assim designados pois apresentam coloração avermelhada devido aos altos teores de óxidos de ferro, sendo identificado em extensas áreas do Centro-Oeste, Sul e Sudeste, sendo responsáveis por grande parte da produção de grãos do país, uma vez que ocorrem predominantemente em áreas de relevo plano e suave ondulado, corroborando com as práticas aqui estudadas.

Esses solos por serem profundos e porosos/muito porosos, apresentam condições adequadas para um bom desenvolvimento radicular em profundidade, principalmente se forem eutróficos (de fertilidade alta). No entanto, o potencial nutricional dos solos será bastante reduzido se forem álicos ou ácricos, pois existirá

uma "barreira química". Além destes aspectos, são solos que, em condições naturais, apresentam baixos níveis de fósforo (EMBRAPA, 2024a).

Os solos apresentam textura arenosa (85% ou mais de fração areia) e são formados de rochas areníticas ou quartzíticas. Por serem solos com baixa capacidade de retenção de água disponível às plantas, apresentam elevado risco para agricultura de sequeiro (que não requer irrigação) por causa da estiagem (EMBRAPA, 2024b). Com o avanço das tecnologias, este tipo de solo tem se mostrado apto ao plantio de várias culturas hoje em dia, não só os que cultivam os Rikbaktsa.

A anciã Madalena também disse que a roça precisa estar bem limpa para que as plantações cresçam bonitas e também temos que cuidar da roça para mantermos ela sempre limpa.

Segundo ela disse que eles pegavam o angu da abelha chamado *mandori* para preparar um produto para passar nas folhas de batata para matar os insetos que estragavam as folhas da batata, eles pegavam e passavam e já no outro dia os insetos já estavam todos mortos e eram assim que eles faziam para proteger as batatas. Pesando nesses ensinamentos, concordo com Morin (1998, p. 29), que disse “Os homens de uma cultura, pelo seu modo de conhecimento, produzem a cultura que produz o seu modo de conhecimento”.

Esse etnoconhecimento é fruto de muitos anos e até séculos de observação, experimentos e trocas. Saberes e fazeres que se articulam gerando conhecimentos milenares a partir da interação entre homem e natureza, registrados na percepção indígena ao longo dos tempos, como relata o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 253) ao afirmar que:

> Estes importantes conhecimentos, inclusive, têm sido utilizados na pesquisa científica atual, contribuindo para o melhor conhecimento dos ambientes brasileiros. Ouvindo os mais velhos, observando a natureza ao redor, as crianças e jovens aprendem sobre o comportamento dos insetos; identificam os sons emitidos pelos pássaros; conhecem os peixes e animais de seu território. Observando tudo e exercitando continuamente a memória e os sentidos, conseguem distinguir os diversos odores e perceber uma rica coleção de cores nos diversos elementos da natureza.

A observação atenta desses elementos presentes na natureza sustenta declarações como da Madalena Maudo. A anciã disse ainda que tem três tipos de abelha chamado *tata*, abelha de anta e abelha jacarezinho que não pode consumir o mel dele porque queima todas as palhas de milho e o milho apodrece e morre quando passa na roça por isso nós cuidamos para não consumir o mel e passar na roça quando é época dessas plantações.

A dona Madalena disse que o Internato de Utiariti ensinou eles a trabalhar na roça e estudar eles tiveram que aprender a trabalhar na roça desde pequeno e falou que eles tiveram uma vida sofrida porque além do estudo tinha que trabalhar duro na roça, ela disse que tinha que limpar o mandiocal e fazer farinha.

A Marileide[12] foi entrevistada na casa dela eu gravei a fala dela com o celular. Ela deu todas as informações sobre a roça, mitos, plantações, alimentos naturais, alimentos industrializados e quem faz a roça, quem planta, ela também disse os nossos jovens devem continuar fazendo as roças para não faltar os alimentos naturais em nosso meio.

A Marciane[13] foi entrevistada na casa dela, eu levei o meu caderno onde estavam todas as perguntas e o meu celular para gravar, ela também disse que o nosso povo não deve deixa de fazer a roça porque é da roça que tiramos os nossos alimentos naturais para o nosso sustento. Ela também destacou que nós precisamos cuidar na hora de queimar a roça para que o fogo não venha destruir a nossa mata, porque na mata existem os animais, e plantas medicinais e por isso devemos ter muito cuidado com a nossa natureza.

Ela também disse que precisamos plantar muitos alimentos naturais para nos termos mais qualidade de vida em nosso povo Rikbaktsa e que assim poderemos ter mais saúde para vivermos muito mais. A queimada é durante setembro, onde as folhas estão secas, queimando a região de plantio, cuidamos para controlar o fogo. Mas, algumas vezes, o fogo sem controle, queima para além do planejado.

A Ana Carla[14] foi entrevistada na minha casa, onde ela disse que os jovens precisam acompanhar os seus pais para que eles venham aprender a fazer a roça, a plantar e aprender também a cultura do nosso povo Rikbaktsa sobre a roça. Ela também destacou a importância de como é fincada cada uma das plantações. Relata que a banana, milho, arroz e mandioca são plantados em fileira, e outras plantações são plantados em círculos assim como: batata, cará, melancia e amendoim. Devido ao formato da planta e sua necessidade de crescimento.

---

[12] Marileide Memo, professora da educação básica entre os Rikbaktsa, atua nos anos iniciais e é membro da diretoria executiva da ACEBRIK. Pertencente ao clã Hazobiktsa=Arara Cabeçuda.
[13] Marciane *Dawau*, professora da educação básica entre os Rikbaktsa, atua nos anos iniciais e foi presidente da AIMURIK. Pertencente ao clã *Makwaraktsa*=Arara Amarela
[14] Ana Carla Zada, aluna do Ensino Médio da E. E. *Myhyinymykyta Skiripi* localizada na Aldeia Barranco Vermelho, no Município de Brasnorte. Pertencente ao clã Hazobiktsa=Arara Cabeçuda.

A entrevistada acrescentou ainda que por meio das plantações que nos preparamos vários tipos de alimentação assim como: beiju, chicha, pirão, farinha, etc. Por isso devemos continuar fazendo a nossa roça e continuar plantando muitas plantas para nos se alimentarmos bem.

A Anselma[15] foi entrevistada na minha casa onde ela disse que a roça é muito importante para o povo Rikbaktsa, porque é da roça que nós tiramos os nossos alimentos para a nossa sobrevivência do dia a dia, também falou sobre a participação dos jovens na roça junto com os mais velhos para que eles venham aprender como plantar as plantações. Ela também disse que é muito importante que nós Rikbaktsa procurem consumir mais alimentos naturais para que possamos ter a saúde melhor e que sejamos sempre saudáveis.

A Tainara[16] foi entrevistada na casa dela, onde ela mora com o seus pais o trabalho foi bem legal, porque ela deu todas informações sobre a roça, sobre o plantio, sobre o tamanho da roça de antigamente e como é hoje. Ela também disse que é fundamental que as pessoas façam a roça grande para plantar muito e que tenham muito alimento na roça para colher.

Segundo a Tainara o que ela mais gosta é da colheita porque é onde as mulheres vão para a roça buscar os alimentos para se alimentar. Ela também disse que os alimentos que compramos vêm para aumentar os nossos alimentos em nossa mesa e hoje nós já estamos acostumados com esses alimentos industrializados.

A jovem aluna ainda acrescentou que hoje ficou mais fácil de fazer a roça porque hoje temos os materiais para trabalhar na roça, por isso temos que plantar mais os produtos para a nossa sobrevivência não devemos ficar dependendo de alimentos do mercado. Ela também disse que o povo Rikbaktsa deve continuar fazendo a roça individual e roça comunitária para que o povo tenha alimentos de qualidade e assim vamos estar mantendo a nossa cultura viva e a nossa tradição.

---

[15] Anselma Marikta, aluna do Ensino Médio da E. E. *Myhyinymykyta Skiripi* localizada na Aldeia Barranco Vermelho, no Município de Brasnorte. Pertencente ao clã Hazobiktsa=Arara Cabeçuda

[16] Tainara Mytsawy, aluna do Ensino Médio da E. E. *Myhyinymykyta Skiripi* localizada na Aldeia Barranco Vermelho, no Município de Brasnorte. Pertencente ao clã *Makwaraktsa*=Arara Amarela

3. A CRIAÇÃO DA ROÇA TRADICIONAL: DO MITO DE ORIGEM AOS DIAS ATUAIS

A Mitologia da roça tradicional do povo Rikbaktsa, segundo o relato dos anciãos houve uma época em que os Rikbaktsa não tinham roça e eles comiam cogumelos, fezes de anta, frutos do mato, carne de animais e peixinhos dos córregos. Um dia os Rikbaktsa foram caçar na mata e um dos homens avistou uma formiga carregando um grão de milho na sua trilha. O homem pegou o grão, experimentou, achou muito bom, denominando o achado de milho fofo e disse para os outros o que era. Como o acontecido ocorreu no final da tarde, o Rikbakta disse para os outros: - amanhã cedo, nós vamos procurar onde tem essa semente.

No outro dia seguiram as formigas até que viram a roça de outro índio e os homens foram bem devagar e ouviram o barulho da mulher dele socando milho no pilão para fazer beijus. Ao serem descobertos, eles ganharam quatro espigas para levarem para as suas famílias. Antes, porém, o índio desconhecido apresentou a roça e ensinou como plantar. Lá nessa roça havia milho, banana, mandioca, cará, amendoim, batata doce e outras plantas comestíveis. Conforme a figura 8, podemos observar a ilustração do mito citado:

Figura 8 – A descoberta do grão de milho



Fonte: Maniumytsa (2024).

O homem que primeiro achou o grão fez a sua própria roça e plantou muitos alimentos e quando foi na época de colheita sempre trazia comida para a sua casa, sem contar para outras pessoas. Mas mesmo assim os outros foram notando e, por

fim pegaram tudo que tinha na roça dele e viram que tudo era muito bom. Desde então, os Rikbaktsa resolveram plantar porque aprenderam fazer a roça e continuaram até os dias de hoje.

No entanto, alguns anciãos Rikbaktsa como a minha mãe e o Aroldo, contam também sobre a origem da roça o seguinte mito:

> *Os antigos falaram assim que antigamente quando começaram a fazer a roça foi quando eles acharam a semente de milho pela primeira vez. Disseram que Dudubá que fazia roça. Esse Dudubá era um passarinho que fazia roça, que nem eles. Eles falam que esse pássaro é quem tinha a roça e, portanto, era o dono da roça, e esta era muito boa. Dudubá morava longe, sozinho, mas ele é quem tinha a plantação. A formiga carregadeira foi aos poucos carregando o milho. Um dia, os Rikbaktsa estavam caçando e como eles gostavam de andar na mata e olhar tudo, viram o trilho da formiga carregando o milho na cabecinha dela, então, eles acharam a semente interessante. Logo eles pegaram, experimentaram e acharam gostoso. Assim, disseram: - como é bom, como é bom, será que dá para gente comer? Daí foram experimentando e levaram para os outros experimentarem. Contaram para eles que acharam uma coisa boa. Decidiram enterrar a semente e essa cresceu virando planta, saíram as espigas e eles resolveram socar para fazer beiju para comerem e chicha para beberem. Dessa época então decidiram fazer roça todo ano para plantar milho e com isso foram plantando também as outras plantas que tinham antes no mato e eles também queriam plantar na roça como: banana, mandioca, cará, amendoim, batata doce e outras plantas que dava para comer e fazer chicha.*

Segundo o conhecimento antigo dos nossos ancestrais, a partir desse mito os Rikbaktsa começaram a plantar a roça e a dispor as plantas na ordem apresentada na Figura 9.

Figura 9 – A origem da roça tradicional



Fonte: Maniumytsa (2024).

Segundo o ancião Aroldo, com o novo aprendizado, os Rikbaktsa precisaram confeccionar ferramentas que ajudassem a preparar a roça, então começaram a fazer

o machado de pedra para derrubar as árvores mais grossas, pois eles precisavam do espaço para plantar e as árvores fininhas eram quebradas com as mãos (Figura 10).

Figura 10 – A derrubada para o plantio da roça tradicional



Fonte: Maniumytsa (2024).

A derrubada era realizada ao canto de música, conforme letra a seguir.

Quadro 6 – Mysakibaziknaha **-** Ziwenahata

WARATOK WEWY MYTSASO.
HAWASA MAHA MYSAKYBAZYK
NAHA ZESAHANA NAWA NAHA?
UTA DUBA IKTAZE NAWA
NAKOZE ISPYPESA PYBO BO MYNAKA.
UTA DUBA IKTAY NÃO MYNAKARE
MYKOSOTSA BIKTSA BOTO NÃO KAZE
PORORO MYNAKA.
KATSAMYWA NAWAJATY NAKARANAHA
KATSAWYWA TYKAZANAHA
MYSAPITABA.
PAÎ KATSE NAZE KABAZE DY HYTY
WHATOK WEWY INAZE TSIPINYMYRY
IWAZE KASAPYTOBA NAWA TSINAKA.

HUIKTSA SEUK BUDUTSATY NUIA
PETOKWY TOITIUHI WABUITSA TIHI
EUKPYKA ZIPENA.
JABUITSA WAZEKA HUI NASAHOPOPO.

Fonte: Maniumytsa (2024).

Quadro 7 – Vamos Cantar – Derrubada (versão em Português)

MÚSICA DA DERRUBADA DO POVO RIKBAKTSA

Agora estou sozinho só alguns dos meus irmãos ficaram e agora
Ando onde eles andavam e vou continuar na batalha para defender
A nossa terra e também quero que vocês quando crescerem continue
Igual há nós cuidando da nossa maravilhosa terra.
Um dia vocês vão ficar em nossos lugares lutando e defendendo a terra
Quando nós não mais existir.
Meu filho vem aqui senta ao meu lado para você aprender a cantar igual o seu pai
A música da derrubada. Na roça tem várias árvores cada um vai derrubar um tipo de
Arvore vocês escutam os nomes de arvores que vocês vão derrubar, os maiores
Vai ser em dois porque a arvore é grande e todos tomem cuidado para não se machucar

Fonte: Maniumytsa (2024).

A experiência deu certo e o povo Rikbaktsa nunca mais parou de fazer a roça para não perder as sementes e as mudas desses alimentos tradicionais como: milho, batata doce, cará, inhame, amendoim, mandioca, banana entre outras. Usando técnicas rústicas que foram se aprimorando ao longo dos tempos e das interações com os não indígenas, mas associando a isso ao conjunto de especificidades que são próprias do nosso povo, em acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 93-94) que afirma:

> As técnicas "rústicas" e manejos diferenciados da agricultura guardam segredos dos povos. A roças, os plantios, as coletas, significam muito para cada povo. As capoeiras funcionam como renovação e armazenamento de alimentos para muitos. É lá que se encontra lenha, lá que se encontra determinada planta que cura a enfermidade e lá que se encontra o cará para fazer o seu mingau ou sua bebida preferida. Tira-se madeira para fazer nova casa para o filho que se casou ou então se colhe a fruta preferida ou ainda se caça a cutia, o tatu, dependendo da região do Brasil em que se localiza o povo.

O cultivo dessas plantações ainda existe até os dias atuais nas mais variadas aldeias do povo Rikbaktsa que continuam plantando para que a roça continue a ser preservada como uma prática original que não pode se perder.

A motivação para nós Rikbaktsa continuarmos preservando o plantio das nossas roças é porque além de retirarmos a nossa alimentação tradicional saudável, por meio dela também conseguimos manter viva uma importante parte da nossa cultura.

O ato tradicional de fazer a roça traz consigo mito, rito e cerimônia que retratam costumes originais do modo de ser Rikbaktsa. Deixar de plantar a roça tradicional é abandonar saberes-fazeres originários dos nossos ancestrais. Por isso, a manutenção das roças é relevante, o ato ligado a roça retrata também nosso cosmos, nossos sentidos e significados, conforme afirma o RCNEI (BRASIL, 1998, p.21):

> Da reflexão sobre estas trajetórias, de suas teorias sobre o cosmos e sobre os seres, dos significados que construíram filosoficamente para as coisas e os acontecimentos, nascem diferentes visões de mundo, expressas na arte, na música, nos mitos, nos rituais, nos discursos. Este é um processo sem fim. Culturas e línguas são frutos da herança de gerações anteriores, mas estão sempre em eterna construção, reelaboração, criação, desenvolvimento.

Precisamos cuidar para não perder esse hábito e cada vez produzir mais para que possamos ter alimentos de qualidade em nossa comunidade. Mas para isso nós temos que ensinar aos nossos jovens a preservar o ato de fazer a roça e plantar os nossos próprios alimentos.

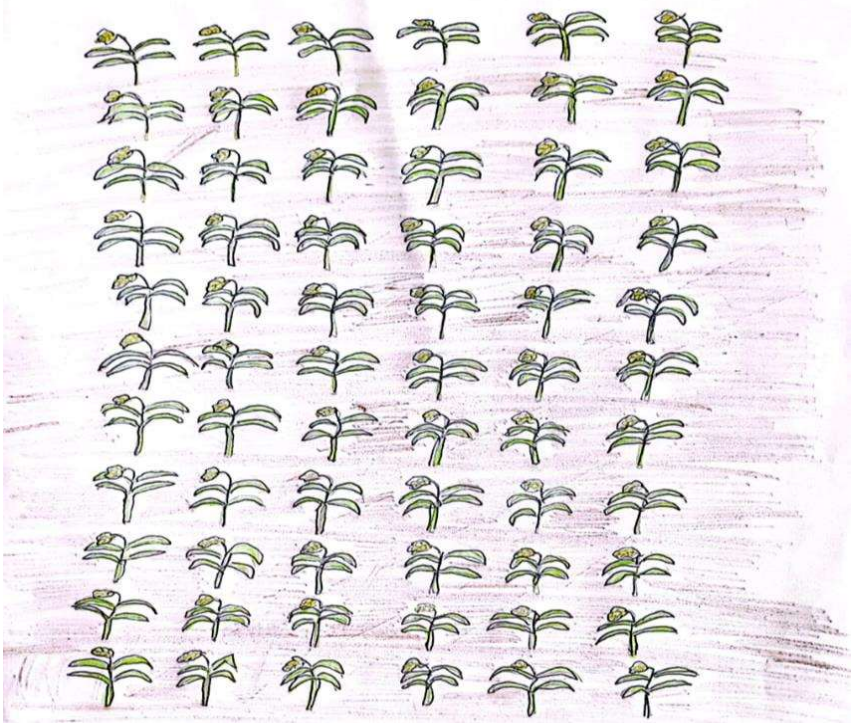
Ao longo dos anos vimos explicando e ensinando aos mais jovens o plantio da roça, fazendo parte de nossas vivências e da organização da vida na aldeia. Dessa forma, os adultos incentivam os mais jovens a conhecer e preservar nossas tradições.

3.1. A Roça Rikbaktsa depois do contato

Na continuação de sua narrativa sobre a roça, o ancião Aroldo Rikbakta relata que depois do contato com os não indígenas seringueiros, o ato de fazer a derrubada para o preparo da roça ficou mais fácil, porque eles conseguiram machado, foice e facão de metal, itens não reconhecidos na aldeia.

Essas ferramentas eram mais eficazes e por isso eram melhores para trabalhar e menos cansativo. O resultado dessa mudança foi o plantio de roças maiores que produziam mais alimentos para a comunidade de forma coletiva e individual, conforme ilustrado na Figura 11.

Figura 11 – O uso de ferramentas de metal - plantio de roças maiores



Fonte: Maniumytsa (2024).

A partir disso, do contato com os brancos surgiram dois modelos: a roça coletiva e a roça individual, porém todos ajudavam nas duas. O dono da roça individual tinha que fazer uma festa grande para todos que ajudaram a fazer a sua roça. Antes havia apenas a coletiva em que todos ajudavam.

Antigamente quando os Rikbaktsa faziam a roça para a comunidade, eles se organizavam, na casa dos homens *(mykyry).* Lá eles planejavam tudo para fazer a roça.

Nessa organização, os homens determinavam que primeiro tinham que juntar todos os alimentos que cada um tinha guardado em casa, para que nada faltasse aos que iria trabalhar na derrubada e posteriormente no plantio.

Segundo o ancião Aroldo Rikbakta, a alimentação principal era: mel, batata, banana, mandioca, milho, cará e castanha. Mas tinham outros alimentos que só eram preparados no dia da derrubada. (Athila, 2006). No dia da derrubada tinha que ter carne, peixes, beiju, chicha, suco de mel, pirão, mandioca cozida e batata doce assada. Durante o trabalho tinham três refeições: lanche nove horas, almoço meio dia e lanche à tarde.

O trabalho era coletivo. O dono da roça chamava todos para irem fazer a derrubada, o mesmo ficava na aldeia para organizar o trabalho de alimentação e

determinar as pessoas que iriam levar os alimentos para o pessoal que estava trabalhando na roça, conforme descreve Arruda (1998, p. 2), ao dizer:

> [...] em quase todos os aldeamentos, chefes de família mais empreendedores e influentes podem fazer sua derrubada com o auxílio de parentes e moradores da mesma aldeia e de outras aldeias ao redor, sediando e organizando ao mesmo tempo a realização de um ciclo ritual de festas que acompanha as atividades agrícolas anuais.

O ato para fazer a roça conjuga mitos, ritos e cerimônias. Os participantes desses eventos da nossa cultura se organizam a partir dos seus clãs de pertencimento. Os nomes que são chamados no cântico do dono da roça são de acordo com seu clã, pois esse determina sua função nos ritos para a derrubada.

Quando era o dia de derrubar as árvores para fazer a roça, o dono acordava uma hora da madrugada e cantava até o amanhecer do dia. Ele cantava e falava os nomes das pessoas e ao mesmo tempo os nomes de cada árvore que cada um iria derrubar. (Arruda, 1992). Hoje em dia é diferente, cada um, planta a sua roça sem os ritos, mas árvores ainda estão de pé e preservadas.

O povo Rikbaktsa é dividido em dois clãs maiores um é o clã da Arara Cabeçuda e outro o clã da Arara Amarela. Todas as manifestações da organização social, se movem permeadas pelas metades que formam a sociedade Rikbaktsa, por meio dos nossos clãs, conforme afirma Pires (2012, p. 61):

> Na vida Rikbaktsa, as metades dividem a sociedade em duas partes simétricas e opostas e o critério de pertencimento a esta unidade sociológica é a patrilinearidade. As metades são associadas a dois elementos da natureza: à Arara Amarela - Metade Makwaraktsa - e à Arara Cabeçuda - Metade Hazobiktsa.

Nesse ritual da derrubada, quem puxa a fila para ir à roça são as pessoas do clã da Arara Cabeçuda, pois são “o dono da festa” e o clã principal. As pessoas do clã da Arara Amarela vêm atrás. O nosso tempo da derrubada já está no calendário das nossas mentes e faz parte das nossas práticas de ano em ano, logo após a temporada das chuvas, quando a seca se firma, a partir do mês de maio, como descreve Arruda (1998, p. 2):

> As derrubadas novas são feitas de maio a junho, quando se firma a estação seca. Nas capoeiras, isso ocorre de julho até a metade de agosto. Queimam e fazem a coivara em agosto/setembro e plantam depois da primeira chuva, no começo de outubro.

A pessoa designada do clã da Arara Cabeçuda que está bem na frente sai da aldeia tocando buzina e vão todos em fileira: homens, rapazes, meninos, mulheres e

meninas, chegando na roça, novamente o grupo é dividido em duas partes: o grupo dos homens e o grupo das mulheres. Cada grupo separado vai para um lado, as mulheres e as meninas e os homens e os rapazes vão para outro lado. Todos utilizando agora ferramentas de metal.

Segundo minha mãe, a anciã Madalena Maudo: as mulheres vão picando com o facão de metal as árvores finas e os homens vão derrubando as árvores grossas, usando os machados de metal, em cima das árvores que já estão picadas e assim vai caindo todos de uma vez só. Quando terminam a derrubada todos voltam juntos para casa, mas sabem que serão novamente chamados em três momentos distintos; na hora do plantio, no tempo da colheita e na época de participar da festa.

Esse ato coletivo aponta para o evento tradicional Rikbaktsa que marca a alegria de quem planta, com a esperança da colheita que alimenta as famílias de quem trabalha e também garante a realização das festas Rikbaktsa que são realizadas porque tem alimentos da roça para celebrar. Pacini, (2012, p. 92) se referiu as nossas festas dessa maneira.

> As festas Rikbaktsa eram formas que traduziam uma organização social especializada com técnicas culinárias especiais, musicais e cantos executados com precisão que geravam relações sociais significativas.

Quando os Rikbaktsa fazem a roça comunitária pensa na festa tradicional, eles plantam muito para que possam ter grandes quantidades de alimentos para todos se alimentarem durante a festa, ao considerar que nessas festas que são fruto do plantio da roça é também um momento de reencontro com os Rikbaktsa que estão distantes, como podemos comprovar na escrita de Pacini (2012, p. 56):

> Os vários clãs dispersavam-se no território e se aglutinavam por ocasião de festas ou outra necessidade. Nesses encontros arranjavam casamentos na outra metade, trocavam objetos próprios produzidos por eles e conquistados nas relações interétnicas.

O povo Rikbaktsa também fazia a sua roça individual, mas o dono da roça chamava as pessoas para ajudarem a derrubar a sua roça, e quando eram a época da colheita chamavam as pessoas para ir lá buscar o alimento que ajudou a plantar.

Para fazer a festa tradicionais é necessário o plantio das roças. Nesse sentido, as roças são muito importantes para nós, não somente porque é da terra que tiramos nossos alimentos naturais para o nosso sustento, mais também pelo fato de que esse ato sustém nossas tradições culturais, ao colocar em evidência o papel de cada um na nossa organização social. Por isso, temos que plantar muito, principalmente os

tipos de alimentos que utilizamos durante a festa como: batata doce, mandioca, cará, milho fofo e outros que também vão garantir a alimentação das famílias durante o ano.

3.2. A Roça Tradicional do povo Rikbaktsa: aspectos gerais

A roça de toco é o modelo tradicional que os nossos ancestrais deixaram o procedimento para a produção de alimentos como legado. Portanto, é um lugar dentro da mata, onde os Rikbaktsa derrubam as grandes árvores, deixando os tocos das árvores que foram derrubadas, mas não mortas, como mostrada na Figura 12.

Figura 12 – Roça Tradicional de toco do povo Rikbaktsa



Fonte: Maniumytsa (2024).

Posteriormente, elas crescerão novamente e outro local será escolhido, para fazer a nova roça em outro local, onde o solo seja igualmente bom para fazer o plantio, objetivando obter uma boa colheita, porque disso depende o sustento do povo e a realização das nossas festas culturais. Se tem alimento, tem alegria e motivo para celebrar e agradecer a fartura de alimentos.

O ato de plantar e colher requer tarefas. No contexto Rikbaktsa, o trabalho que é realizado na roça é feito pelos homens, mas as mulheres também contribuem, para que o preparo da roça seja terminado com mais rapidez.

A roça pode ser familiar (individual) ou comunitária (coletiva), onde todos os moradores da aldeia ajudam quando a roça é grande e precisa terminar logo é nesse momento que vai muita gente ajudar. Mesmo que não tenha a roça comunitária, há sempre ajuda de outras pessoas que tenham roça eles chamam os moradores da aldeia a buscar os alimentos na roça.

Para mantermos a nossa roça, nós buscamos as sementes em outras aldeias, para plantamos e assim produzimos diversos tipos de plantas. Nós Rikbaktsa, temos tempo certo para plantar e colher os alimentos, nós seguimos o nosso calendário da nossa agricultura tradicional, pela influência das luas cheias e crescente.

Sabemos a época certa de fazer a derrubada. Fomos ensinados a observar o tempo, o solo, a semente boa, observamos as mais robustas e cheias para separar e plantar; para saber o melhor período para fazer a queimada, o local correto onde a terra é melhor para plantar, em qual época da lua é melhor para plantar um, ou outro tipo de planta e temos muito conhecimento sobre as plantações tradicionais, adquirido ao longo dos tempos.

A roça tradicional é muito importante para o nosso povo. É da terra que tiramos o nosso sustento do dia a dia. Por outro lado, o preparo para o plantio e o êxito da colheita possibilitam a realização das nossas festas tradicionais. Por isso, para nós, o ato de plantar não se encerra em si mesmo, mas abrange ritos, mitos e cerimônias que manifestam a essência da nossa cultura.

Ao longo dos tempos mantivemos os nossos alimentos tradicionais, mas também introduzimos outras plantas na nossa alimentação que não era do nosso costume anteriormente. Em nossa roça nós plantamos cará, banana, batata, amendoim, posteriormente depois do contato introduzimos também o arroz e o feijão na nossa alimentação.

Atualmente, a roça é feita por família. Cada uma tem a sua própria roça para plantar os seus alimentos naturais, ao fim trocamos e vendemos entre aldeias. Percebemos que consumir alimentos naturais é muito importante para a nossa saúde. É saudável, porque não tem produto químico. A saúde do povo Rikbaktsa depende da produção de alimentos naturais, ao saber que a manutenção da saúde depende diretamente da alimentação sadia que faz no dia a dia.

O povo Rikbaktsa faz a roça tradicional de toco de forma arredondada, em forma de círculo, tradição herdada pelos antepassados e, posteriormente, após o contato com outros modelos começou a fazer também no formato retangular, com extensão de um hectare.

O Mito da origem da Roça se materializa no dono da roça. No homem que organiza o coletivo para a derrubada, que procura o local para o plantio, que canta e escolhe as pessoas para derrubar as árvores, que senta com os outros para elaborar os passos que levarão a efetivação da roça, o fica na aldeia para organizar a

alimentação e a escolha de quem vai levar os alimentos e água para quem está trabalhando, o que convida os outros para a colheita e distribuição dos alimentos. Por fim, o dono da roça passa a ser o dono da festa, o cacique distribui os alimentos para todas as famílias da sua aldeia.

Esse dono da roça para nós Rikbaktsa sempre foi o Dudubá, porque ele foi o primeiro a fazer a roça e o povo aprendeu por meio dele e sempre será manifesto naquele que é o dono da roça. Porque suprirá as necessidades, orientará o povo e mostrará como e quando fazer. Será ele que, por suas ações, garantirá o sustento coletivo e promoverá o ajuntamento das pessoas para um bem comum, comunicando o fazer real com os saberes originais, misturando ações humanas com mitos, ritos e cerimônias.

Cientificamente, seja pela ciência indígena ou pela ciência dos não indígenas, sabemos que na floresta a fertilidade do solo depende da decomposição vegetal. Quando a mata é derrubada, a fertilidade diminui e só volta quando a floresta cresce de novo. Por esse motivo, a cada dois ou três anos abrimos novas roças deixando a velha para a floresta crescer novamente.

Geralmente, procuramos fazer as roças em área de capoeira ou capoeirão, roça velha e suja, locais que já foram utilizados antes para roça, evitando derrubar a mata alta sendo feita a manutenção e preservação ambiental. Logo, nos deslocamos em círculos, após um período de tempo, voltamos aos primeiros lugares para deixar os locais mais novos descansar, dando tempo para as árvores crescerem e adubarem a terra com suas folhas que viram nutrientes para fertilizarem o solo novamente.

Nós Rikbaktsa fazemos a roça familiar mais perto da aldeia e a roça coletiva longe. A roça que fica mais distante é para reservar as sementes para outros anos, e assim ficam guardados os alimentos, armazenados dentro dos potes de cabaça, pendurados nas varas dentro de casas entre outras técnicas, quando precisarmos. Servindo também de reserva para tempos difíceis de seca que gera falta ou diminuição de alimentos.

As sementes são guardadas de um ano para outro, para que as mesmas não venham se perder, para chegar o tempo de plantio, esse período é necessário para que não perca a vitalidade e quando plantados eles produzam mais. Essas sementes são colocadas no girau, acima do fogão de lenha, dentro de cabaças e atualmente em garrafas de refrigerantes, também podemos guardar na própria roça, como as

sementes de milho fofo que ficam penduradas no alto em varais, para livrar dos animais.

A derrubada ocorre nos meses de maio a junho, quando se firma a estação seca. Primeiro fazemos uma limpeza, cortando cipó, árvores menores. A derrubada grande é feita de julho até a metade de agosto. Depois, de agosto a setembro, começa o tempo da queimada e se faz coivara, limpeza da roça à partir do fogo. Depois da primeira chuva, no começo de outubro, já se inicia o plantio de algumas plantas como: milho fofo, mandioca, cará, amendoim, banana e cana.

3.3. Ferramentas e equipamentos que utilizamos para fazer a roça de toco

Segundo o ancião Aroldo, antigamente o povo Rikbaktsa derrubava a roça com machado de pedra. Eles cortavam as árvores mais fina e alguma mais grossa que estava causando impedimento colocavam fogo no pé da árvore para derrubar, mas antes, os homens olhavam ao redor para ver se tinhas outras árvores dessa espécie e se havia outro jeito para não proceder assim. Caso não houvesse jeito era feito a queimada.

O plantio da roça antigamente era feito com um pedaço de pau. Os Rikbaktsa iam plantando em fileiras, dependendo a cultura e o tamanho da espécie, até terminar de plantar as sementes de milho, amendoim, cara e batata doce. Usávamos machado de pedra, as mãos e paus que nos auxiliavam na derrubada e depois no plantio e na colheita. Confeccionávamos xiri[17] para transportar os alimentos da roça até em casa, mas atualmente usamos muito os sacos de ráfia ou estopa para esse transporte. Coisas em pequenas quantidades ainda usamos a xiri, cujo conhecimento do fazer é repassado aos jovens.

Hoje as ferramentas e equipamentos que usamos para fazer a roça são: machado, foice, facão, lima, enxadas, enxadões de metal e motosserra. Esses são os materiais que usamos na roça para derrubar, para fazer a limpeza e para plantar. Usamos enxada no plantio de mandioca, cará, batata e melancia. Para plantação de milho, arroz, feijão é usado matraca. O uso desses materiais facilitou o nosso trabalho que melhorou muito, resultando no desenvolvimento agrícola do nosso povo, tanto na

[17] (Bolsa feita de palha trançada, de aproximadamente dez a vinte litros).

construção de roça na questão de plantações e também na limpeza das roças e na colheita.

3.4. A Roça Mecanizada: modelo atual mais utilizado

A roça mecanizada se estrutura pelo tratamento dado a um terreno em que o solo é preparado com trator e grade para realizar o plantio. Para fazer a roça mecanizada, cada comunidade precisa escolher um lugar adequado onde o solo é bom para fazer o plantio. Hoje, a maioria das comunidades tem roça mecanizada onde eles estão plantando os seus próprios alimentos naturais.

A roça mecanizada veio por meio de parceria com a prefeitura do município de Brasnorte – MT, com a reivindicação da comunidade e juntamente com os caciques e lideranças. O desenvolvimento de plantio em cada comunidade está sendo muito importante, porque o povo está produzindo vários tipos de plantas.

Contudo, há um fenômeno paralelo a isso, mantemos o plantio dos nossos alimentos naturais, mas estamos esquecendo de fazer as nossas festas, segundo o ancião Aroldo. Para esse ancião, um ou outro de forma isolada tem promovido as festas (*Mymyikaha),* mas aqueles donos da roça que mantiveram o modo tradicional de fazer as roças. Tais declarações nos levam a refletir que estamos deixando de lado algo importante do nosso modo de ser Rikbaktsa ao adotar práticas novas que nos levam a comportamentos novos.

Na roça mecanizada as pessoas do povo Rikbaktsa estão plantando: milho duro, milho fofo, arroz, banana, mandioca, milho pipoca, cará, melancia, entre outras. O trabalho desenvolvido na roça é pelo próprio motorista indígena que é o mesmo que prepara o solo para o plantio. A comunidade só planta e colhe, também tem algumas pessoas que tem a sua roça particular onde eles plantam alimentos para a sua sobrevivência, no modelo tradicional.

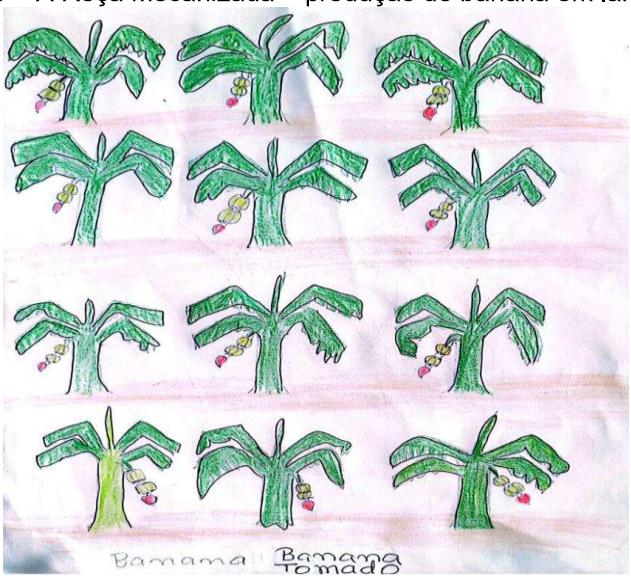
A roça mecanizada está ajudando muito porque estamos evitando derrubar, as árvores grandes, e também a queimada da mata, onde cuidamos para não destruir a casa dos animais e as ervas medicinais. As roças estão sendo feitas perto das aldeias, enquanto a roça velha está descansando para ser reaproveitado o solo posteriormente.

O povo Rikbaktsa em seu plantio não utiliza nenhum tipo de produto químico em suas plantações, por isso são produtos naturais sadios que consumimos.

Almejamos assim continuar com as nossas plantações sem agrotóxicos, para não haver problemas em nossa saúde futuramente.

Atualmente, a roça mecanizada possibilitou algumas pessoas da comunidade produzir em larga escala para venda de produtos, realizando comércio interno e externo. O processo auxilia a potencializar o processo de produção, aumentando os alimentos da roça. Estão plantando: banana, arroz, milho e mandioca, essas plantas são fincadas em fileiras, cada um tem a sua distância: a banana é plantada em cinco metro cada cova, e os outros são plantados com a distância de dois metros cada uma, conforme ilustrado na Figura 13.

Figura 13 – A Roça Mecanizada – produção de banana em larga escala



Fonte: Maniumytsa (2024).

Nosso povo tem modos naturais de tratar as pragas e buscamos o não uso de veneno, porque entendemos que o uso de agrotóxicos pode afetar não somente os humanos, mas a todos que estão presentes no meio ambiente, conforme o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 106) relata:

> Existem muitos produtos agrotóxicos, lançados na terra, que chegam aos igarapés, rios, lagos, dos quais as pessoas se servem. As fazendas que se instalaram ao redor dessas terras - e às vezes práticas adotadas dentro das próprias terras indígenas - fazem a degradação da fauna e da flora, alterando as condições do solo, da água, do ar e da alimentação.

O trabalho está sendo desenvolvido pela comunidade, durante a plantação, ainda que a roça seja mecanizada, facilitou o trabalho, mas as equipes continuam sendo organizadas para realizar a plantação no solo beneficiado. Todos os homens e os rapazes vão para a roça ajudar no plantio e as mulheres preparam os alimentos para eles.

A plantação desses alimentos está sendo muito importante porque a nossa juventude está aprendendo como produzir plantas que são alimentos da nossa cultura. Com o ato do plantio, eles vão aprendendo a trabalhar na roça, e nós os mais velhos vamos conscientizando sobre a importância de manter essa prática para que a nossa tradição cultural não venha se perder.

Na escola, há o professor indígena que ensina aos alunos a plantar, conforme o costume. No diálogo que vamos mantendo com os jovens, seja na sala de aula, seja na roça, também se detém na importância de manter os nossos alimentos da nossa própria cultura, para gerar saúde e proteção às nossas vidas.

Conversamos em nossas rodas sobre a valorização de cada uma das espécies contamos como nossos anciãos procediam no tratamento do solo, no cultivo de alimentos naturais e nas técnicas para evitar as pragas, preservando a nossa tradição que vem há muito tempo dando certo para manutenção da saúde do povo e ao mesmo tempo gere a auto sustentação e sobrevivência para o povo. Nesse sentido:

> Para as comunidades indígenas, as principais questões que envolvem a auto sustentação são a sua TERRA e a valorização de sua cultura. As comunidades buscam alternativas para o seu sustento e autonomia econômica, social e política, como grupos diferentes da sociedade nacional (BRASIL, 1998, p. 106).

Nessa direção, buscamos motivar a produção de alimentos naturais, o não uso de defensivos agrícolas, a manutenção dos mitos, ritos e cerimônias, destacando a relevância para manutenção dos nossos saberes e fazeres, ainda que estejamos usando modelos que facilitam o ato de plantar e colher.

3.5. As plantas que hoje plantamos no quintal da casa

As trocas com os não indígenas, o conhecimento de novas práticas tem nos levado a adotar novos comportamentos sobre o ato de plantar. Hoje, nós Rikbaktsa cultivamos muitas variedades de plantas ao redor da casa como: goiaba, banana, caju, amora, manga, mamão, limão, coco, cacau, cupuaçu, laranja, cana, gerando a comodidade de ter alimentos naturais perto de casa, deixando de ir com mais frequência à mata colher frutos nativos.

Algumas culturas plantadas na nossa roça tradicional podem ser visualizadas na Figura 14.

Figura 14 – Culturas presentes na Roça Rikbaktsa

Banana	Mandioca
	
Abóbora	**Amendoim**
	

Fonte: Maniumytsa (2024).

Também plantamos algumas plantas medicinais como: ervas cidreira, boldo, terramicina e outros remédios do mato. Em algumas aldeias, os Rikbaktsa plantam horta para o consumo como cebolinha, tomate, pepino, alface e abobrinha. As plantas mencionadas são muito importantes para todos nós e devemos continuar cultivando essas plantas para o nosso alimento do dia a dia, fortalecendo a prática de manter uma alimentação saudável a base de produtos naturais que geram saúde e vida plena.

4. ALIMENTOS NATURAIS: FRUTOS E ANIMAIS SILVESTRES

Os alimentos naturais são relevantes porque fazem bem para a nossa saúde. Por isso, devemos priorizar o consumo desses tipos de alimentos que a natureza nos oferece. Antigamente as pessoas do povo Rikbaktsa sobreviviam só de alimentos naturais. Eles comiam variedades de frutas como: caju, cacau, bacava, patuá, bacuri, imbaúba, inajá, buriti e Imberici entre outras, todas colhidas no mato.

Na alimentação natural ainda há o consumo de outros tipos de alimentos como: castanha e pequi. A população Rikbaktsa também se alimentava de coró de castanha, coró de caju, coró de coqueiro e coró de babaçu, gafanhoto verde, formigas tanajura e saúva, os jovens já não mantêm mais esse costume. Além do consumo de muita carne de animais do mato, peixes e aves. Hoje esses consumos acontecem em escala menor.

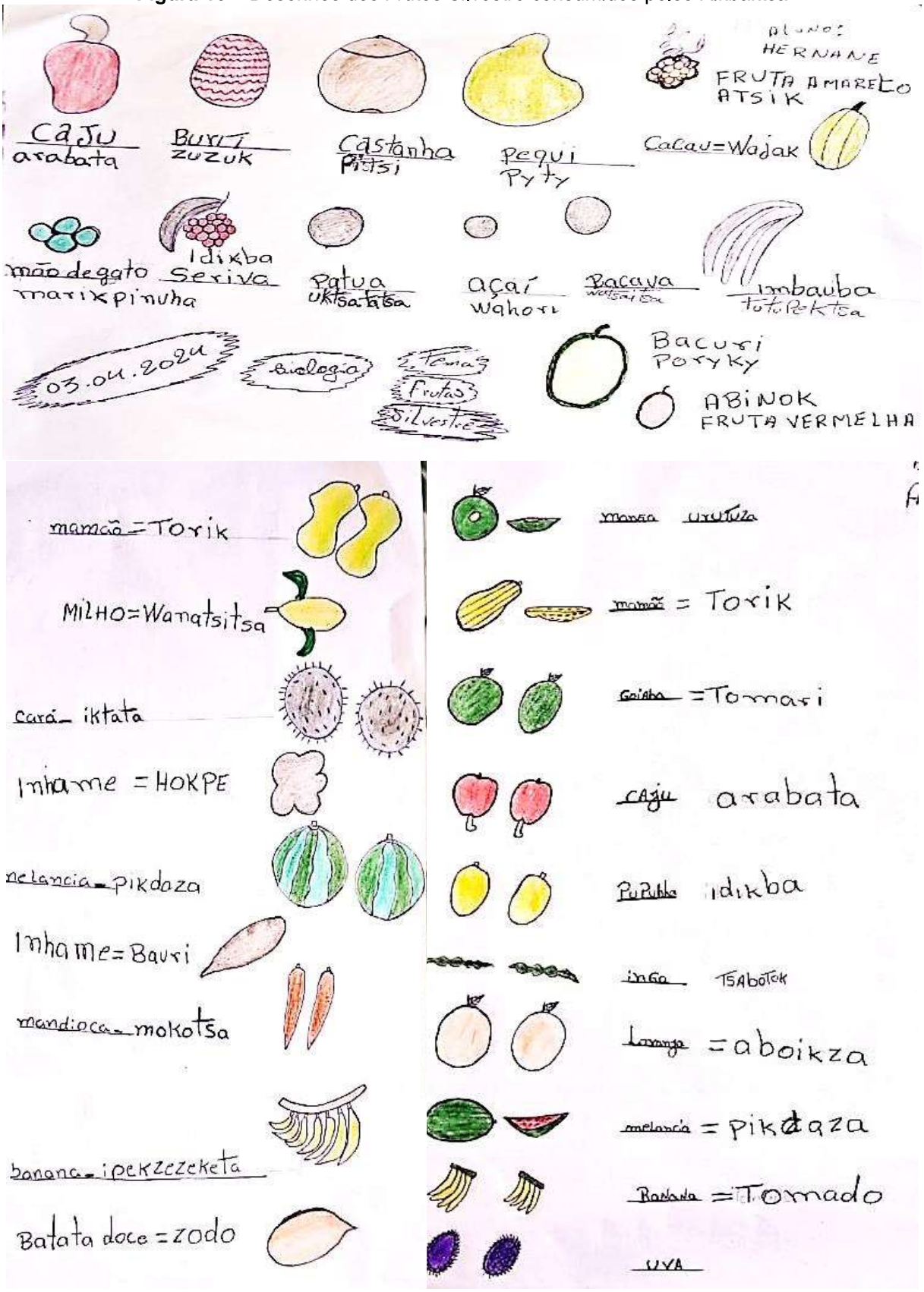
Os outros produtos naturais importantes são os produtos da roça, que o povo planta sem nenhum produto químico, por isso nós temos que continuamos plantando muitas plantas na roça, para que o povo Rikbaktsa tenha alimentos de fartura e de qualidade em sua mesa para poder se alimentar.

Os produtos naturais citados a cima são todos importantes, porque fazem parte da nossa cultura revelando como o povo Rikbaktsa se alimentava tratando de sua sobrevivência. Eles sempre tinham vida saudável e dificilmente ficavam doentes, porque consumiam só alimento natural. Resultando disso uma vida longa e muita resistência no corpo para trabalhar. Ultimamente há mais doenças na aldeia devido a alimentação não ser tão saudável, tendo mais produtos industrializados.

Ainda hoje, os Rikbaktsa mantêm a cultura viva em relação a nossa alimentação tradicional. Primamos pelo hábito de preparar o nosso pirão de castanha ralada com carne de macaco, que é o nosso prato principal nas festas culturais e em eventos especiais. Procuramos mostrar que o pirão é um alimento que faz parte do nosso cardápio e que também faz parte da nossa cultura.

Há também, o ensino aos nossos filhos para colher os melhores frutos silvestres que existem na mata, observando as frutas que temos na mata, as maiores, mais suculentas, passamos o que aprendemos pelos nossos antepassados.

Figura 15 – Desenhos dos Frutos Silvestre consumidos pelos Rikbaktsa



Fonte: Maniumytsa (2024).

Esse exercício induz ao conhecimento dos tipos de frutas que o povo Rikbaktsa consome dentro da floresta. Acima são apresentados alguns dos alimentos do povo, com o nome na língua nativa, apresentados na figura 15.

O cardápio bom também é peixinho assado na folha de pacova, uma planta amazônica que tem a folha parecida com a bananeira. O povo come com milho fofo assado e beiju de mandioca. Das frutas, os Rikbaktsa fazem a chicha e algumas eles comem com castanha do Brasil e mel de abelhas silvestre.

A carne de animais é preparada dessa forma: assada, cozida e moqueada. Nos alimentamos da carne e ainda continuamos preparando dessa forma para não perder o nosso costume.

O alimento mais procurado pelos Rikbaktsa é a formiga saúva, porque todos gostam de se alimentar dela e também serve para pescar e para fazer pirão. Esses alimentos podem causar estranheza para algumas pessoas não indígenas, mas fazem parte da nossa cultura consumi-los, por isso, quando é a época dela todos vão coletar esses insetos, no mês de novembro: adultos e crianças.

O gafanhoto, os corós de castanha, os corós de caju são preparados dessa forma: assados e torrados, o povo consome junto com milho fofo torrado e assado e hoje esse tipo de alimento está mais difícil, porque eles têm um tempo para produzir, por esse motivo quase o povo não está se alimentando desses insetos.

O peixe também é um dos alimentos preferidos do povo Rikbaktsa, o nosso povo prepara o peixe dessa forma: cozido, assado, moqueado e ultimamente frito, também fazemos o pirão da carne de peixes. É uma delícia. A minha mãe Madalena relata que antigamente o povo Rikbaktsa moqueava os peixes e guardavam na *xiri* ou em cima do *girau* para conservar.

Cabe ressaltar que, segundo Nogueira et al (2021), o consumo excessivo de frituras está acima dos limites tolerados para uma vida saudável em município com alta prevalência de indígenas, sendo este um dos responsáveis pelas altas taxas de sobrepeso e obesidade encontradas no Acre. Além disso, pesquisa americana, feita com mais de 140 mil pessoas, revelou que o consumo constante e a longo prazo de alimentos fritos está associado a um risco até 12% maior de contribuir para quadros de ansiedade e de depressão.

Os peixes ficavam guardados muito tempo e sempre fazendo o fogo debaixo do girau, moqueando processo de defumação, para não estragar a carne, quando chovia, não tinha como pescar e nem caçar. Então, eles preparavam os peixes

moqueados para comer. Esse recurso é uma prática da cultura do povo Rikbaktsa, de guardar a carne de peixes para consumir nos tempos das chuvas, quando a saída fica difícil por causa do tempo.

Segundo os conhecimentos não indígenas, e indo de encontro com os conhecimentos da etnia Rikbaktsa, a conservação pelo processo de defumação se dá pela sutil desidratação e pela impregnação da fumaça produzida na combustão da madeira, além de leve/moderada cocção. Esse aquecimento irá variar de acordo com o tipo de produto a ser defumado. Em especial os diferentes tipos de fumaça obtidos a partir da queima de diferentes tipos de madeira propiciarão, além de ação conservante, sabores agradáveis (Feitosa, 1999).

Essa combinação de calor e fumaça forma uma superfície defumada que reduz drasticamente a carga bacteriana da superfície do produto cárneo, agindo como uma barreira química bastante eficaz diante do crescimento, penetração e proliferação de micro-organismos, uma vez que atua diminuindo a atividade de água, coagulando proteínas e depositando material resinoso (como formaldeídos e compostos fenólicos) pela condensação da fumaça na carne (Feitosa, 1999). Desta forma, podemos concluir que essa técnica permitia aos Rikbaktsa aumentarem a vida útil dos alimentos sem o uso de refrigeração.

Hoje nós ainda continuamos pescando os peixes para a nossa sobrevivência no dia a dia, mas mantemos a carne dentro da geladeira para não estragar. Contudo, alguns Rikbaktsa que não tem esse recurso do não indígena, ainda moqueiam carnes vermelhas e de peixes para guardar sem estragar.

O povo Rikbaktsa tem em sua cultura a prática de nas festas culturais, as mulheres dançarem no braço de um homem e em troca elas pedem peixes para eles. O homem tem que pescar para elas e elas só pede peixes bons assim como: Matrinchã, pacu, piava e caborje. Quando eles chegarem com o peixe escolhido, ela precisa preparar chicha, com os alimentos coletados da preferência dele, como agradecimento. Assim, a dívida está paga.

4.1. Alimentos naturais da roça

Os Rikbaktsa continuam com a prática de se alimentarem com produtos naturais da roça, porque esses os produtos são orgânicos. Não colocamos nenhum tipo de veneno em nossas plantas, por isso procuramos fazer os nossos próprios

alimentos a partir de plantas retiradas da roça, como: beiju, chicha, farinha, paçoca e farofa.

Os nossos anciãos preferem comer mais alimentos naturais, porque vem da nossa tradição incentivando os mais moços a fazer o mesmo. Eles nos alertam a procurar consumir mais do nosso próprio alimento para que tenhamos mais saúde e resistência em nosso organismo, livrando-nos de doenças que vêm da má alimentação.

O conhecimento dos anciãos Rikbaktsa converge com o que tem mostrado a ciência ocidental já há algumas décadas atrás. Estudos tem demonstrado que as modificações na dieta ao longo do tempo, bem como a tecnologia empregada pelas indústrias de alimentos (seja para aumentar a vida útil dos alimentos – como os conservantes, seja para criar novos alimentos – como corantes, acidulante, flavorizantes, antiumectantes – geralmente artificiais) trazem à tona questionamentos com relação à segurança alimentar dos produtos industrializados, variando de reações adversas de curto prazo (como intoxicações e alergias) à consequências que podem ser catastróficas a longo prazo (câncer) (Evangelista, 2000; Poulsen, 1993; Pollock, 1991; Willet, 2003; Sugimura, 2003; Schilderman et al, 1995, apud Polônio e Peres, 2009).

Atualmente estamos buscando incentivar os nossos jovens a consumir mais os produtos naturais para que eles possam ter mais saúde e ter a qualidade de vida melhor e também procurar ajudar outras pessoas, mostrando que os nossos alimentos são muito importantes para todos nós por fazerem parte da nossa cultura e que devemos mantê-los como hábito saudável.

Com os alimentos naturais produzidos na roça preparamos mingaus, chicha, sucos, pirões para acompanhar a carne de animais cozidas, assadas ou moqueadas. As frutas silvestres ou as que também nós plantamos no quintal da casa são consumidas *in natura*, tendo ainda aqueles que plantamos na horta como: cebolinha, tomate, pimentão, alface. Tudo isso são alimentos saudáveis que traz muitas vitaminas para o nosso organismo.

4.2. Alimentação industrializada impactando a saúde do povo

Nos dias atuais, nós Rikbaktsa consumimos muita alimentação por industrializados que compramos no mercado, isso veio ao reorganizar o nosso cardápio, mas sabemos que tem alimento bom e alimento que não faz bem para a nossa saúde, por isso nós temos que nos cuidar para não ficar doente.

Os alimentos industrializados têm muita química, cujas substâncias não são boas para a nossa saúde e temos que saber o que é bom para que possamos continuar consumindo esses alimentos que ajudam em nosso organismo.

Há muito tempo o povo Rikbaktsa vem consumindo os alimentos industrializados, e percebemos que o povo já não estava mais fazendo roça para plantação de alimentos naturais e tivemos que fazer palestra, com os agentes de saúde que atendem as aldeias falar da importância de continuar plantando o nosso próprio alimento para a nossa sobrevivência e hoje muitas pessoas estão plantando, isso está sendo bom para o povo porque eles estão voltando a fazer a roça.

Os agentes de saúde também estão fazendo palestra nas aldeias, para que o povo volte a consumir com mais frequência a alimentação natural porque é saudável e desta forma eles estão nos motivando ao benefício de preservar a saúde por meio da nossa própria alimentação. Esta ação é muito importante para o povo Rikbaktsa, pois não se trata apenas de manter a saúde bem, mas também do retorno às práticas culturais que foram desenvolvidas ao longo dos tempos para produzir bem-estar.

Nós professores também ensinamos aos nossos alunos a não comer quaisquer tipos de alimentos industrializados que não são bons para a nossa saúde, para que eles não venham ter problema de saúde no futuro, assim estamos ajudando os alunos a evitar consumir esses tipos de produtos químicos. Os alimentos industrializados mais consumidos são: açúcar branco, óleo, sal, macarrão, trigo, café, leite, sardinha enlatada, salgadinhos, refrigerantes, entre outros.

Hoje, nós Rikbaktsa estamos tendo problemas de saúde como: pressão alta, diabetes, pedra na vesícula, nos rins, infarto, entre outros, por causa de alguns tipos de alimentos industrializados que estamos consumindo mais frequentemente em detrimento de consumir alimentos naturais. Por isso, nós temos que cuidar muito para não consumir só os produtos industrializados e assim vamos ter a nossa saúde com qualidade.

O trabalho de pesquisa sobre os alimentos industrializado foi com uma enfermeira chamada Sidimara Cristina dos Santos.

A enfermeira disse que ela trabalha em várias aldeias do povo Rikbaktsa, onde faz o atendimento dos pacientes. Segundo a Sidimara, teve um aumento do consumo dos alimentos industrializados, ficando claro que os alimentos naturais ficam em pouco consumo. Ela relata que só os mais idosos que ainda consomem os alimentos típicos da nossa tradição.

A enfermeira também disse que o aumento da alimentação industrializada causou aumento nas taxas de colesterol dos indígenas. E que há muita reclamação de dores de estômago, o que leva a parte dos refrigerantes, frituras, e consumo de bebidas alcóolicas. Também comunicou que há alta incidência de pedra na vesícula, com indicação cirúrgica. Essas informações foram coletadas durante a entrevista por mim realizada sobre a alimentação industrializada.

5. IMPORTÂNCIA DA ROÇA TRADICIONAL

A pesquisa foi organizada a partir de um conjunto de elementos que vinha na minha mente e me inquietava a todo tempo, me levando a traçar o trajeto de como eu ia buscar as informações para atingir o objetivo da pesquisa e ao mesmo tempo tentar responder os problemas que levaram à investigação. A Figura 16 mostra os alunos com suas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Figura 16 – Imagem dos alunos fazendo atividade sobre roça de toco



Fonte: Maniumytsa (2024).

É importante destacar a importância de se trabalhar a temática no contexto intercultural e multidisciplinar. Trabalhar a roça de toco com os alunos do ensino médio pode oferecer vivências nas áreas não só de história, como também nas áreas de:

- Química: trabalhando os diferentes tipos de solo e sua composição; os tipos de alimentação industrializada e as substâncias envolvidas; os princípios ativos/componentes das plantas (como a reação química do processo de fermentação para fabricação da chicha e dos ativos das plantas medicinais); etc.

- Física: utilização das ferramentas (grandezas de força, princípio de alavanca, angulação); etc.

- Biologia: identificação das diferentes espécies de cultura, nutrição vegetal, botânica; etc.

- Matemática: geometria da roça; área destinada para cada roça/família; operações matemáticas (soma, subtração, multiplicação e divisão) com o que é plantado/colhido; etc.

A interculturalidade pode e deve ser trabalhada no sentido de amplas as referências e trocar os saberes, promovendo a comunicação entre diferentes grupos culturais, sem anular a diversidade e a importância de cada cultura. Trazer as outras perspectivas sobre roça, seja de outras etnias indígenas e de não indígenas, com as mais variadas práticas, ajuda a promover a convivência democrática e a respeitar os diferentes saberes de maneira horizontal e sinérgica, numa dinâmica em que Nascimento (2014, p. 2) considera que

> no contexto mais amplo da própria educação escolar indígena atual, a noção de interculturalidade assume grande relevância, pois representa uma forma de conceber a diversidade cultural que não apenas reconhece a coexistência de grupos étnicos e culturalmente distintos, como também traz à tona as diferentes formas de interações históricas.

A aula em que a temática era a roça de toco, direcionou para várias possibilidades pedagógicas que facilmente poderiam e podem ser exploradas para trabalhar o processo de ensino e de aprendizagem, por meio de uma abordagem transdisciplinar que parte da diversidade dos componentes curriculares da Educação Básica, organizados segundo a BNCC, com vistas nas competências específicas que são articuladas pelas habilidades de cada área do conhecimento, mediadas pela História Oral, quando professor, anciãos e alunos dialogam praticando os exercícios da escuta e da fala para trazer fatos passados que fazem sentido e tem significado para quem estar no presente, projetando o futuro a partir de suas raízes.

A direção aqui tomada parte do modo próprio que o Rikbaktsa procede ao sentar com quem quer aprender para passar um conhecimento que é inerente à nossa cultura e a nossa maneira própria de ensinar e de aprender, conforme descreve Lobato (2020, p. 66) sobre a pedagogia Rikbaktsa ao dizer:

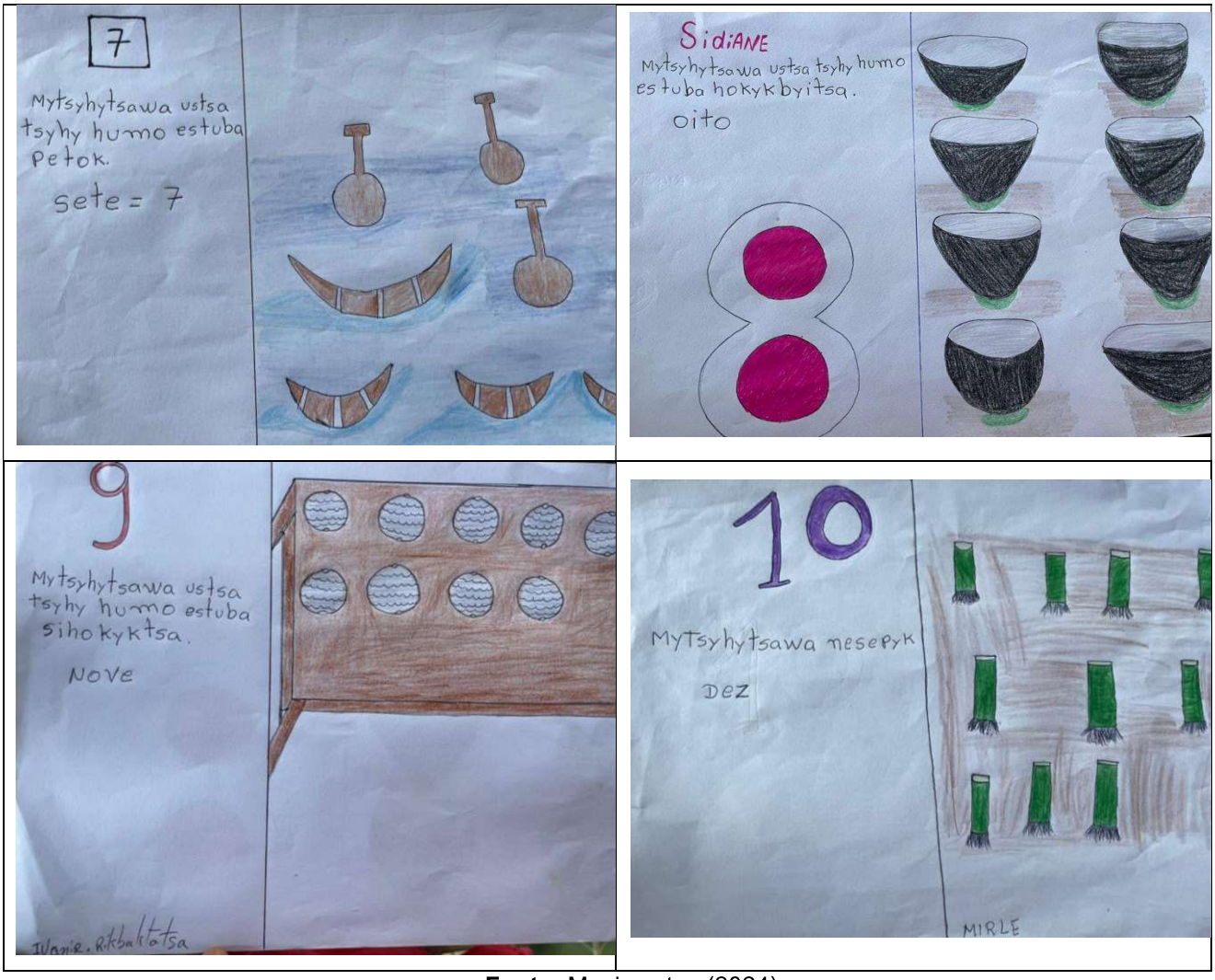
> Diante do observado, ficou nítida a compreensão de que o processo de ensino e de aprendizagem dos Rikbaktsa só se efetiva se há alguém com o interesse em aprender e para além disso, a motivação real pelo aprendizado centra-se em uma necessidade do aprendiz que se percebe dependente dessa aprendizagem. O interesse do aprendiz surge da precisão, isso leva-o aos atos de sentar, ouvir, aprender e exercitar. A partir disso, surge o ato de ensinar que difere da pedagogia não indígena que é o ato de conduzir alguém ao conhecimento. Enquanto, na concepção Rikbaktsa o ato do ensino está sujeito à necessidade e ao interesse do aprendiz.

Nesse sentido, foi realizado em aula, uma atividade específica para estes fins, por meio da qual os alunos correlacionaram os algarismos indo-arábicos de 1 a 10 trazendo a nomenclatura no idioma nativo do povo Rikbaktsa. Esse ato faz jus ao interesse dos aprendizes em aplicar os numerais numa situação real de aprendizado,

em que eles estarão exercitando a escrita dos números em nossa língua materna à medida que ilustram a atividade utilizando seres e produtos que estão presentes em nosso dia a dia, apresentado nas imagens da Figura 17.

Figura 17 – Algarismos indo-arábicos escritos em Rikbaktsa





Fonte: Maniumytsa (2024).

Essa abordagem assume uma maneira transcultural de respeito pelas diferenças, e ao mesmo tempo evidencia uma propriedade particular dos Rikbaktsa que é a língua materna dentro da aula de Matemática, mas que seu fundo introdutório foi a História da roça tradicional do povo Rikbaktsa considerando (D' Ambrósio, 2009).

O entendimento aqui é que não há culturas melhores, nem piores que admitam avaliar e hierarquizar, como mais corretas ou verdadeiras, intricados de comentários e de comunicação com a realidade. Há tempo e espaço para todas e juntas poderão colaborar na construção de conhecimento dos nossos alunos.

A necessidade de apresentar um produto que fosse fruto desse trabalho de pesquisa me levou a pensar em algo que fosse nosso, mas que dialogasse tranculturalmente com algum produto não indígena. Percebi que as nossas ações da escola estão em constante diálogos com prazos que são verificados em calendários não indígena. Constatei também que do nosso jeito; pelo espaço, pela lua, pelos comportamentos dos animais e das plantas, também marcamos o nosso tempo.

Dessas verificações resolvi organizar com os alunos um calendário que trouxesse ao longo do ano as marcas do nosso tempo ao agregar nossos saberes e fazeres agrícolas, em um movimento tipicamente Rikbaktsa, resultante dos estudos que fizemos para escrever o texto dessa pesquisa. Portanto, a seguir apresento a capa desse calendário a partir da Figura 18.

Figura 18 – Capa do Calendário da Rikbaktsa

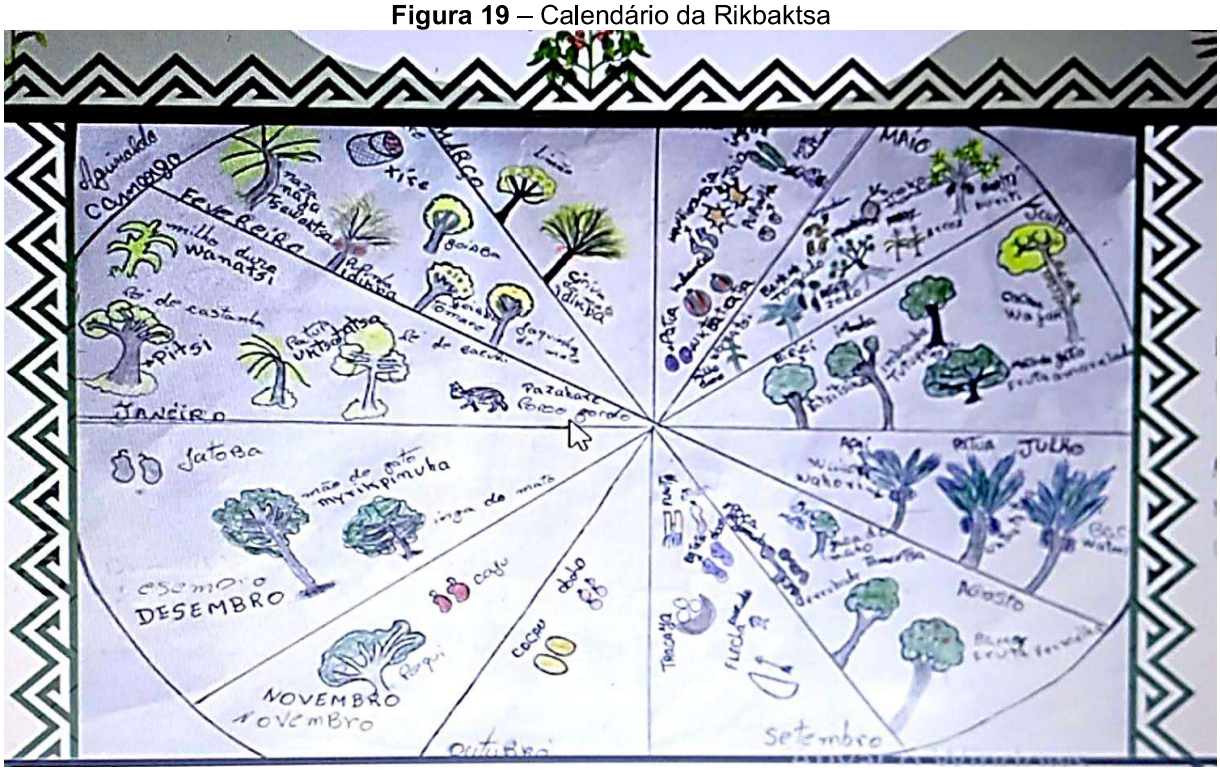


Fonte: Maniumytsa (2024).

O produto foi pensado com base do formato original das nossas roças tradicionais. Para cada planta que semeamos, fincamos e cuidamos ao longo do plantio, corresponde a um tempo específico para a colheita. Pensei também nos frutos da mata que utilizamos em nossa alimentação que igualmente têm uma época certa para serem colhidos e saboreados por nós Rikbaktsa.

Os alunos do nosso povo compreendem bem esse movimento que envolve tempo e espaço que são ligados a natureza, orientados pela lua (*Byzoje*) que para nós, determina o tempo de plantar e o tempo de colher. Essa organização temporal trouxemos para o calendário que foi produzido com vinte outo páginas, a partir de fotos das pessoas do meu povo, dos desenhos dos meus alunos do Ensino Médio sob a minha orientação. Essa breve descrição poderá ser observada na figura 19.

Figura 19 – Calendário da Rikbaktsa



Fonte: Maniumytsa (2024).

Para cada mês, pesquisamos as plantas que são plantadas e as que são colhidas, os alunos desenharam tendo em mente o nosso formato de roça, ainda que boa parte dessas plantas ou estão na mata ou estão fincadas em nossos quintais, contudo, todas elas estão em nosso cardápio, são consumidas em forma de bebidas, comidas cozidas ou cruas e fazem parte do nosso ciclo de plantio, de colheita ou de extração na mata.

O calendário de 28 páginas também é fruto das conversas que aconteceram durante as entrevistas, ocasião em que os anciãos, as anciãs e as mulheres mencionavam essas plantas que são consumidas por nós, ao compartilhar comigo o material de pesquisa que eu precisava para a escrita do meu trabalho que teve corpo, a partir dessa produção de dados.

A produção se deu por meio das entrevistas que trouxeram as informações por meio das respostas dos entrevistados. Ao pensar no que foi dito pelas pessoas, que foram abordadas sobre o tema da pesquisa comecei a compreender a estrutura organizacional que está entrelaçada comigo que pesquisei e com os meus parentes (anciãos, mulheres, adolescentes/alunos) que foram entrevistados. Nesse exercício mergulho em impressões que me dão consciência da realidade exposta.

O distanciamento e ao mesmo tempo as aproximações pensadas por D'Olne Campos, (2002) me levaram a perceber que essa realidade é atravessada pela

história de vida de cada Rikbaktsa entrevistado e suas colocações informam como está a situação da cultura do meu povo no que se refere à manutenção, às perdas, aos ganhos, como também, aos riscos eminentes que podem nos afetar, quando escolhemos o tipo de alimentação que colocamos em nossas casas.

Pensar no Mito de Origem narrado pelo ancião Aroldo é trazer à memória uma série de implicações evidenciadas pelos anciões, quando disseram que no ato de plantar se encontram um modo próprio de ser e de fazer que nos tipificam como povo indígena e revela as nossas práticas de produzir alimentos e das tecnologias que fomos utilizando ao longo dos tempos para facilitar a produção da roça tradicional, partindo de um modelo rústico (BRASIL, 1998), para o modelo atual, em um movimento evidenciado por Garnica (2019) ao descrever as nossas histórias de vida.

Os entrevistados tomaram como base suas histórias de vida e as histórias do povo Rikbaktsa para emitirem suas opiniões construídas ao longo dos tempos, em nossos lugares de vivências; nas matas, nos rios, no Utiariti, no retorno aos nossos costumes culturais que motivaram nossos fazeres tradicionais aprendidos por meio dos nossos saberes originais que não foram perdidos porque os anciãos nos ensinaram, sustentando assim o fato que "todos esses aspectos guardam verdades que só são passíveis de aceitação quando interpretadas com os elementos culturais que lhes deram origem" (Silva, 2013, p. 72).

As mulheres entrevistadas concordaram que precisamos manter a prática de fazer a roça. Todas elas apontaram que os nossos alimentos naturais são importantes para a manutenção de uma vida saudável.

As mulheres andaram numa mesma direção de pensamento quando disseram que os jovens também devem fazer a roça. Ao fazer essas afirmações sinalizam que há jovens que não estão colocando essa prática cultural em suas atividades diárias, ainda que tem um apelo geral para a manutenção da roça com vistas na produção de alimentos naturais sem o uso de agrotóxicos.

As entrevistada disseram ainda que o povo precisa deixar o consumo de alimentos industrializados, intensificando o uso de alimentos naturais que foram muitas vezes presentes nas narrativas da minha mãe (Madalena Maudo) quando descreveu a nossa pratica de moquear carnes das nossas caças e de nossos peixes, em contrário ao estudo de Nogueira et al (2021) que revelou o consumo excessivo de frituras em município com alta prevalência de indígenas, sendo este um dos responsáveis pelas altas taxas de sobrepeso e obesidade encontradas no Acre.

No entanto, elas admitiram o consumo de alimentos industrializados em nosso meio e ligaram a esses, o aparecimento de doenças como diabetes, câncer, pressão alta, pressão baixa, colesterol ruim e ainda muitos casos de pedra no rim e na vesícula, afirmados também pela enfermeira que foi consultada para saber as doenças mais frequentes entre os Rikbaktsa.

Essas informações indicam que ao assumir novos hábitos alimentares prejudiciais à nossa saúde estamos trazendo novas demandas de problemas que precisamos sentar para discutir e construir juntos a adoção de uma nova postura que precisa ser utilizada por todos, inclusive pelos jovens que foram apontados como os maiores consumidores de refrigerantes, de bebidas alcóolicas e de alimentos industrializados.

Ao pensar no que foi dito pelos anciãos, pelas mulheres e pelos jovens/alunos verifico que cultura nos dá sustentação quando lançamos mão dos nossos saberes originais e fazeres tradicionais, passados para as gerações mais novas, pela escola e principalmente pelos mais velhos, para resolver alguns problemas que só estão no nosso meio porque nos distanciamos daquilo que aprendemos e ao longo do tempo vimos que era bom para todos.

Na compreensão que, esses lugares onde os Rikbaktsa faziam as suas aldeias e suas roças eram também lugares de aprendizados, permeados pela nossa cultura. Locais que nos levaram à observação e à construção de etnoconhecimentos que nos conduziram a mudar de lugar e irmos para outros espaços, para que a terra anterior descansasse e criasse forças, para mais tarde produzirem alimentos bons e fortes que dessem conta de alimentar a todos e ainda fazer festa porque estávamos alegres (Arruda, 1992; Athila, 2006).

Essa mesma compreensão fez parte das narrativas dos entrevistados que possibilitou, segundo Fraser e Gondim, (2004, p. 150), “um diálogo amplo e aberto favorecendo não apenas o acesso às opiniões e às percepções [...] como também, a compreensão das motivações e dos valores que dão suporte à visão particular da pessoa”.

Pensando dessa forma, vem a minha mente que algo que compreendi ou que fez, muito sentido para mim foi a forma como se organizava a roça tradicional para produzir alimento, a compreensão dos anciãos estar no ato cultural que se estrutura, quando se canta para derrubar; as palavras que se diz nessa música, a união que se estabelece para o plantio, a matemática que se configura ao estabelecer quantidades,

formas, tamanhos, cumprimentos, larguras, seleção de alimentos e os etnoconhecimentos que estão entrelaçados com mitos ritos e cerimônias.

A importância da roça para a alimentação do povo Rikbaktsa se concentra na experiência que foi vivida no *mykyry* e também na *wahoro* quando a interação entre homens e homens, homens e mulheres, mulheres e mulheres se juntaram para produzir alimento centrado na descoberta da semente do milho e a partir disso, constituíram nossas aldeias, fincaram moradias trazendo com eles "a responsabilidade de aprender a causar a harmonia, o equilíbrio, a beleza e o viver bem da família, orquestrando o bem viver da aldeia (Lobato, 2020, p. 121). Ao criarem raízes profundas que serviriam de base para sedimentar o que somos como povo indígena que resiste todos os dias para continuar existindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo Rikbaktsa é uma das etnias que ainda mantém a sua cultura viva. Nosso território é o local onde vivemos seguindo os nossos rituais e a tradição do nosso grupo, principalmente nas festas culturais, através dos cânticos no idioma, e em nossas alimentações.

Os Rikbaktsa, apesar de sofrerem muitos conflitos, ainda conseguem resistir e manter o povo forte e unido para poderem defender os direitos e garantir a segurança de nossos territórios, por meio do qual são feitas nossas roças, uma vez que são muito importantes para a nossa população.

As três áreas demarcadas são muito relevantes porque a população Rikbaktsa está cada vez mais aumentando. Elas também comportam os lugares que o povo coleta a castanha do Brasil para comercializar. Por isso, nós devemos preservar a nossa natureza para que a mesma possa continuar existindo.

A roça tradicional do povo Rikbaktsa é muito importante porque faz parte da nossa cultura, e junto com esse ato cultural estão ligados aspectos imprescindíveis do nosso modo de ser e de conviver no mundo.

A roça é o meio principal que tiramos os alimentos para a nossa sobrevivência. Hoje os mais velhos ensinam aos jovens a fazerem a roça para que eles continuem a fazer sua própria roça.

O povo Rikbaktsa desde antigamente continua plantando diversos tipos de culturas em suas roças e conservam vários tipos de sementes que são plantadas todos os anos.

Quando a roça é queimada, o povo faz acero em volta da roça para evitar que o fogo queime a mata, os animais e os insetos, na compreensão que ao preservar a mata estamos preservando o nosso povo e as futuras gerações.

O trabalho de preservação de meio ambiente é desenvolvido na sala de aula para que os alunos possam conhecer a importância da proteção da natureza.

A pesquisa de roça com os alunos é muito importante porque os alunos observam e aprendem como fazer a roça e também verificam aspectos da nossa matemática no nosso modo próprio de como é feito a roça.

A escolha de solo é relevante porque identificamos que para cada tipo de planta é um tipo de solo para que elas cresçam bonitas e fortes. Também vimos os produtos naturais que combatem os insetos que atacam as folhas de batata. Esses

ensinamentos fazem parte dos saberes dos mais velhos que ensinam aos mais jovens a fazer escolhas sustentáveis que não precisam usar agrotóxicos.

O povo Rikbaktsa mantém sempre organizado para fazer a sua roça e também a roça da comunidade e ao fazer a roça comunitária o dono da roça canta a música da derrubada e compartilha os alimentos produzidos naturalmente.

Hoje em algumas aldeias o povo Rikbaktsa, está fazendo a roça mecanizada para evitar a destruição da natureza, esse novo modelo tem a sua importância porque possibilita o cultivo das plantações perto das aldeias e assim fica mais fácil evitar que os animais que atacam a suas plantações.

Em certas aldeias algumas famílias estão plantando horta para o consumo assim como: cebolinha, tomate, pepino, abobora e melancia. O que sobra estão praticando comércio interno e externo, gerando renda para suas famílias.

Sabemos da importância de consumir os alimentos naturais porque fazem bem para a nossa saúde. Por isso, o povo Rikbaktsa ainda mantém o habito de consumir o nosso próprio alimento.

Hoje os mais velhos são quem buscam os alimentos naturais na mata. Também quem mais planta na roça são os mais velhos e os jovens estão perdendo de fazer a sua própria plantação na roça. Por isso, precisam adotar uma nova postura, para não comprometerem o futuro do nosso povo.

Os mais velhos estão seguindo a cultura e mostrando para a nossa juventude que é fundamental não deixar acabar a nossa tradição.

Hoje, a alimentação por meio de industrializados faz parte do nosso cardápio e a maioria é comprada no mercado para o nosso consumo e por isso, algumas pessoas estão tendo problemas de saúde como hipertensão, diabetes, câncer entre outras.

Consumimos mais embutidos, industrializados, antes adoçávamos com mel, hoje usamos o açúcar, o óleo, o sal, todos comprados no mercado, produtos que antes não usávamos, essa nova prática de consumo impacta negativamente a saúde do povo.

A metodologia de pesquisa instrumentalizada pela técnica da entrevista foi relevante, porque revivi a origem da roça e das sementes e também os melhores lugares, onde o solo é mais fértil, perto da água, onde há mais possibilidades para fazer as roças tradicionais.

O trabalho realizado com os anciões foi importante porque eles transmitiram os seus conhecimentos maravilhosos sobre a cultura e a tradição dos nossos costumes.

O trabalho de pesquisa junto com os alunos foi produtivo, porque cada um aprendeu como fazer uma roça de toco e as formas de fazer as plantações.

Sobre a produção de dados foi muito importante, porque eu alcancei o meu objetivo sobre as minhas interrogações, as pessoas que eu entrevistei foram bem compreensivas e me deram condições para descobrir saberes e conhecimentos originas do meu povo Rikbaktsa.

A metodologia de pesquisa etnográfica não teve o propósito de ir atrás de verdades, mas em busca dos aspectos sociais, que são parte da compreensão das pessoas indígenas, ligadas à situação estudada.

Eu procurei apreender com os participantes da pesquisa, por meio da entrevista as explicações, os sentidos, as percepções e os significados que cada um dá para a temática estudada.

Essa pesquisa pode ser utilizada para resolver problemas que não foram apontados pelas obras e autores não indígenas, mas que estão presentes no contexto social das aldeias Rikbaktsa, como foi o caso dos impactos negativos que trazem os alimentos industrializados para a saúde dos Rikbaktsa.

Nesse sentido, a pesquisa trouxe conhecimentos importantes para realizar novos estudos e interpretações sobre os alimentos que consumimos após o contato com os não indígenas.

Portanto, o presente trabalho contribui para evidenciar os saberes originários da cultura Rikbaktsa e ao mesmo tempo para pode colaborar com a escrita de materiais que permitam a divulgação de etnoconhecimentos teóricos e práticos com base na metodologia etnográfica que usa a pesquisa qualitativa, para a explicação das ciências indígenas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. As dobras do dizer: da (im) possibilidade da história oral. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**: ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 229-234.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira, **Os Rikbaktsa:** Mudança e Tradição. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, 1992.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Rikbaktsa.** In: Povos Indígena no Brasil. ISA,1998. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Rikbakts%C3%A1#Organiza.C3.A7.C3.A3o_social. Acesso em: 16 abr. 2024.

ATHILA, Adriana R. **"Arriscando corpos":** Permeabilidade, alteridade e as formas de socialidade entre os Rikbaktsa (Macro-Jê) do sudoeste Amazônico. 2006. 509f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica. In **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Organizado por Marcelo de Carvalho Borba e Jussara Loiola Araújo. Autores: Dario Fiorentini, Antonio Vicente Marafioti Garnica, Maria Aparecida Viggiani bicudo. 6. ed. belo horizonte: autêntica editora, 2019.

BOSWOOD, Joan. **Quer falar a língua dos canoeiros**? Summer Institute of Linguísticos. Brasília – DF, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas.** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria Especial de Saúde Indígena**. Distrito Sanitário Especial Indígena DSEI Vilhena/RO, 2019.

D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade**. 2ª ed., São Paulo, SP: Palas Athena, 2009.

D'OLNE CAMPOS, Márcio. Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas e Práticas? In: **Métodos de coleta, análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro, SP: Unesp/CNPq, 2002.

DORNSTAUDER, João Evangelista. Como pacifiquei os Rikbaktsa. **Pesquisas**, v. 1, n. 17, p. 1-193, 1975.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Chave do Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (SIBCS) - Latossolos Vermelhos**. Disponível em: https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/Tematicas/solos-tropicais/sibcs/chave-do-sibcs/latossolos/latossolos-vermelhos. Acesso em: 10 mar. 2024a

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Solos Arenoso-Quartzosos no Cerrado: Características, Problemas e Limitações ao Uso**. Disponível em: https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/555305/solos-areno-quartzosos-no-cerrado-caracteristicas-Problemas-e-limitacoes-ao-uso#:~:text=Os%20solos%20arenosos%20s%C3%A3o%20formados,sequeiro%20por%20causa%20dos%20veranicos. Acesso em: 10 mar. 2024b

EVANGELISTA J. Definição e normas regulamentares. In: Evangelista J, organizador. **Tecnologia de alimentos**. 2a Ed. São Paulo: Editora Atheneu; 2000. p. 433-45.

FARIAS FILHO, Milton Cordeiro; ARRUDA FILHO, Emílio J.M. **Planejamento da pesquisa científica.** Editora Atlas SA, 2015.

FEITOSA, Terezinha. **Contaminação, conservação e alteração da carne**. Fortaleza: Embrapa-CNPAT, 1999. 24p. (Embrapa-CNPAT. Documentos, 34).

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Mapas das Etnias Indígenas** - Mato Grosso. Disponível em: http://www.funai.gov.br/mapas/etnia/etn_mt.htm. Acesso em: 10 mar. 2024

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/#. Acesso em: 16 abr. 2024.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti, História Oral e Educação Matemática. In **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Org: Marcelo de Carvalho Borba e Jussara Loiola Araújo. Autores: Dario Fiorentini, Antonio Vicente Marafioti Garnica, Maria Aparecida Viggiani Bicudo. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - l.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

LOBATO, Elani dos Anjos. **A Etnomatemática como elo entre a Pedagogia Rikbaktsa e o Espaço Escolar.** 2020. 182f. Dissertação (Mestrado em e Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - *Campus* Dep. Est. Renê Barbour de Barra do Bugres/MT

MATO GROSSO. **Plano de Gestão territorial e ambiental do povo Rikbaktsa**, 2020.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de.; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e educação:** conceitos e usos. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu (2000). **Pesquisa social teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 2000.

MORIN, Edgar. Da culturanálise à política cultural. **Revista Margem**,n. 16, dez. 2002. Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1998. Disponível em http://www4.pucsp.br/margem/pdf/m16em.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

NASCIMENTO, André Marques do. Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue. **Revista Latino-Americana de Geografia Econômica e Social**. Edição n. 3 (2014): Diversidade, plurilinguismo e interculturalidade. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/121/127. Acesso em: 16 abr. 2024.

NOGUEIRA, Bruna Shimizu; GUIMARÃES, Maria Gabriela Silva; BRAGA, Cássio Brada e; ARAÚJO, Felipe Monteiro; SILVA, Aline Ferreira; RAMALHO, Alanderson Alves; NUNES, Mônica da Silva. Fatores associados so consumo alimentar excessivo de frituras em município da Amazônia ocidental brasileira. **Scientia Naturalis**, v. 3, n. 5, p. 1985-2003, 2021.

PACINI, Aloir. **Relações Interétnicas e Territorialização dos Rikbaktsa**. 1999. 201f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio do Janeiro-RJ.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa:** Um estudo de parentesco e organização social. São Paulo: Humanitas, 2012.

POULSEN E. Case study: erythrosine. **Food Additive Contamination** 1993; 10:315-23.

POLLOCK I. Hyperactivity and food additives. **Bibl Nutr Dieta** 1991; 48:81-9.

POLÔNIO, Maria Lúcia Teixeira; PERES, Frederico. Food additive intake and health effects: public health challenges in Brazil. **Cadernos de saúde pública** 25 (8), 2009.

RIKBAKTA, Givanildo Bismy. **Educação das crianças do Povo Rikbaktsa** / Givanildo Bismy Rikbakta. – Barra do Bugres, 2016.

SCHILDERMAN PAEL, TEN VAARWERK FJ, LUTGERINK JT, VAN DER WURFF A, TEN HOOR F, KLEINJANS JC. Induction of oxidative DNA damage and early lesions in rat gastro-intestinal epithelium in relation to prostaglandin H synthase-mediated metabolism of butylated hydroxyanisole. **Food Chemistry Toxicology** 1995; 33:99-109.

SILVA, Adailton Alves da. **A organização espacial A'UWẽ – XAVANTE**: um olhar qualitativo sobre o espaço. 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista - Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro-SP.

SILVA, Adailton Alves da. **Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do Danhono**: por dentro do Octógono Sociocultural A'uwẽ/Xavante. 2013. 346f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista "Julho de Mesquita Filho". Rio Claro - SP.

SILVA, Raimunda Magalhães da. **Estudos Qualitativos**: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações. Sobral: Edições UVA, 2018.

SUGIMURA T, WAKABAYASHI K. **Carcinogênios nos alimentos**. In: Shills ME, Olson JA, Moshi S, Rossi C, organizadores. Tratado de nutrição moderna na saúde e na doença. v. II. 9a Ed. Barueri: Editora Manole; 2003. p. 1343-5.

TREMAINE, S. Dicionário: Rikbaktsa – Português/Português – Rikbaktsa. Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil, Cuiabá – MT, 2007.

UTUMY, Edson; LEÃO, Marcelo Franco. Descrição das frutas nativas usadas na alimentação do povo indígena Rikbaktsa. **Rev. Exitus** [online]. vol.8, n.3. 2018

WILLETT WC. **Dieta, nutrição e câncer**. In: Shills ME, Olson JA, Moshi S, Rossi C, organizadores. Tratado de nutrição moderna na saúde e na doença. v. II. 9aEd. Barueri: Editora Manole; 2003. p. 336-340.

CALENDÁRIO DA ROÇA RIKBAKTSA

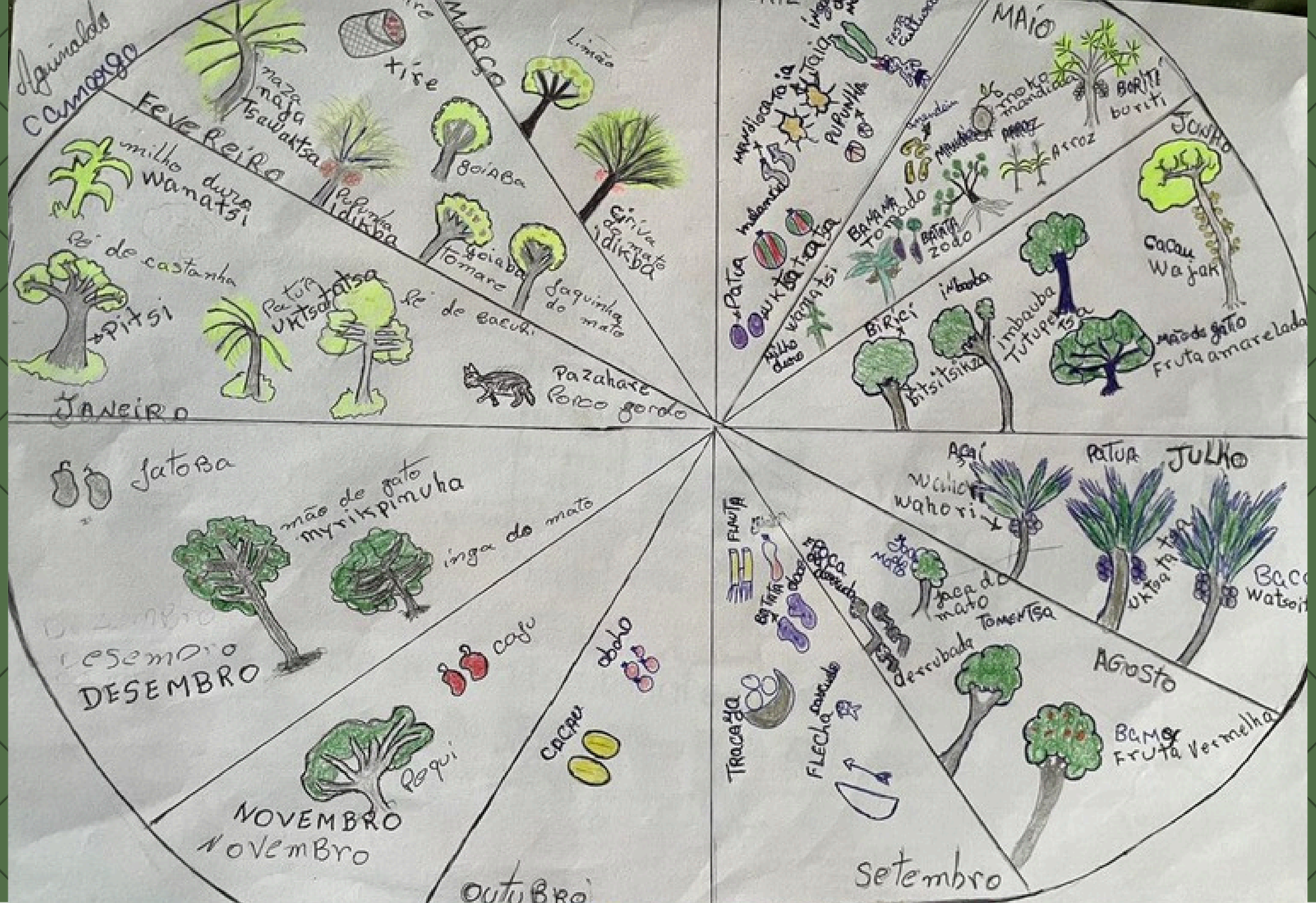
2024



Produto Pedagógico oriundo da dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Mrestrando: Aristóteles Maniumytsa
Orientação: profª Drª Jussara de Araújo Gonçalves

OS MESES



OS MESES

POANO

APRESENTAÇÃO

Myhyiziktsokdawy soho aba piwataha, abakino koeknybakytu mysopyk ty tsinakanaha, wuiha kymywy soho, ptsi kymywy soho, Mypaikihitsa soho, mymyikaka soho, umuezeky - hyitsikzeky iwaha soho. Izezea umuezeky sizezebitsa hyitsizeky, mymyikahawybu pykatsa natahawaskiknaha, mektsaktsa sisukaetsa, izipaha natawaskik, Wohoek pakizi itsihizi iwaze myhã iwaha natawaskik, Watok babata dyba natawedoko, jakasak humuka batu ipopokuk, siatsa poksohi batu iwedohuk, iwahahi batu iwedohukbara napykyk. Wuiha kymyeze ziknatahamyikahakanaha, mydisahawytsa nakymykynahaze tsinamymyikahakanahã, siatsa tutakawyeze natahabakanaha zautsa bete.

Aristóteles Maniumytsa

APRESENTAÇÃO

O calendário lunar do povo Rikbaktsa é muito importante porque faz parte da nossa cultura e através dele é que sabemos o que fazer em cada mês. Nele constam as datas certas para coleta de frutas, produtos da roça, festas tradicionais do tempo da chuva e do tempo da seca. Usamos instrumentos em datas específicas para celebrar através das festas culturais, como flauta comprida e flauta curta, chocalho em volta do tornozelo (para fazer o som quando nós dançamos). As danças são lindas e usamos adornos como o cocar de pena de arara, mutum, papagaio, garça e pena de gavião real. Também abordamos o tempo que faremos a roça, o tempo da colheita, o mês que plantamos, tudo organizado em cada mês.

O povo Rikbaktsa, quando faz queimada da roça, faz acero em volta da roça para que o fogo não prolifere e queime a natureza, pois nela existem muitos seres vivos que dependem dela para sobreviver. Sendo assim, nós evitamos a queimada em nosso território e incentivamos nosso povo a não colocar o fogo na mata, assim estamos preservando o meio ambiente.

Os alimentos da roça estão relacionados à nossa cultura, porque só se faz festa se tiver muito alimento na roça. Há 2 festas para os Rikbaktsa: a do tempo da chuva e da seca. A festa do tempo da chuva vai de dezembro a abril. Nessa época tem alimentos do mato, assim como a bacava, naja, cujos sucos são degustados durante a dança.

O povo Rikbaktsa também aproveita que no mês de março os animais estão gordos, época em que caçam para fazer o famoso pirão da carne de macaco.

A festa do tempo da seca começa no mês de maio e vai até o mês de agosto, sendo menor. Nessa festa também precisa-se de muitos alimentos da roça para poder alimentar o povo que vem participar da festa.

No final da festa, o povo separa os clãs das "Araras amarelas" de outro lado. Cada um junto como seu devido clã, pois não pode se misturar, respeitando a cultura do povo Rikbaktsa.

Os alimentos, no final da festa da seca, são os mesmos dos da final da festa da chuva.

A pintura corporal não pode faltar durante a dança! Cada um tem a sua própria pintura representando qual é o seu respectivo clã.

Aristóteles Maniumytsa - Autor.

FASES DA LUA



TIPOS DE CLÃS

CLÃ MAKWARATSA
(Arara Amarela)

CLÃ HAZOBIKTSA
(Arara Cabeçuda)



JANEIRO

Colhendo o que se planta

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
31	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10

NOTAS:

Aba ereky wihara kymyi.
Aba ereky wanatsitsa kymy.
Época de bacuri, unha de gato, mão de jaboti, jahokota pariri,castanha, bacavá, patoa, ingá de brejo, buriti, açaí, tamarino, melancia, batata, milho, cacau, mandioca, cará, taiã, amendoim, manga, atsik (fruta amarela), bamy (fruta vermelho), caju, bamyhiri (fruta amarela), abinok (Fruta vermelha), pupunha, jaquinha, arroz.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

JANEIRO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
1  77%	2  69%	3  60%	4  50%	5  41%	6  31%	7  22%
8  14%	9  7%	10  3%	11  0%	12  1%	13  4%	14  10%
15  18%	16  28%	17  38%	18  50%	19  61%	20  71%	21  80%
22  87%	23  93%	24  98%	25  100%	26  100%	27  98%	28  95%
29  90%	30  84%	31  76%				

FEVEREIRO

Colhendo o que se planta

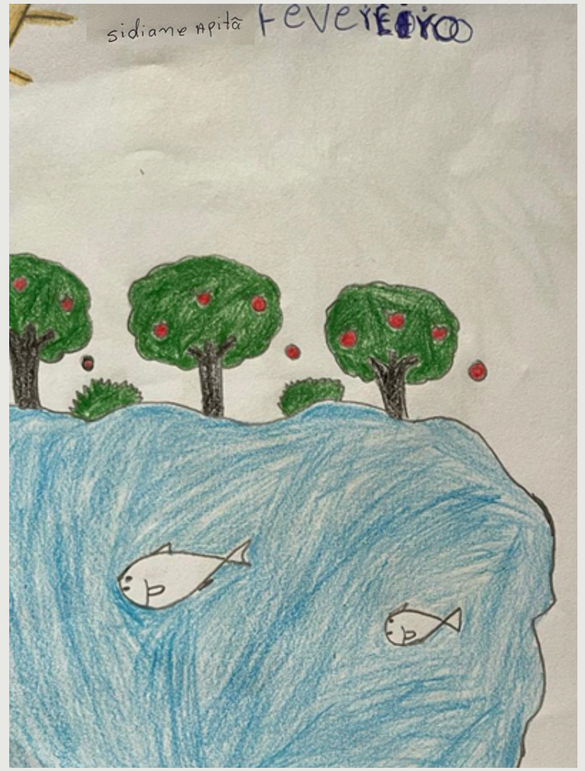
DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
27	28	29	30	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	1	2
3	4	5	6	7	8	9

NOTAS:

Aba piknutsa mytsainaha.
Aba pitsipyzawy,ijahokota iwa.
Aba ereka pihik tsikpaoawy zapebouk.
Época da desova dos peixes, de frutas do mato, de manga do mato, cihahokota, coleta de castanha, pescaria no lago, aparecimento das aranhas amarelas e engorda dos animais. Coleta de pequi, buritirana madura. Época de planejamento da festa tradicional da chuva.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA FEVEREIRO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
			1  68%	2  58%	3  48%	4  38%
5  29%	6  19%	7  11%	8  5%	9  1%	10  0%	11  2%
12  7%	13  14%	14  23%	15  34%	16  45%	17  55%	18  66%
19  75%	20  83%	21  90%	22  95%	23  98%	24  100%	25  100%
26  98%	27  94%	28  89%	29  82%			

MARÇO

Começo de fazer a roça tradicional Rikbaktsa.

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
25	26	27	28	29	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31	1	2	3	4	5	6

NOTAS:

Aba ereky kadisawy jubara.
Aba sizazatsa istutaitsa.
Makuaraktsa sukmukuwy.
Pitsi a natu, taidi sarik nikda.
Aba kytsa tumy pikukunaha.
Piknutsa nitsaibanaha.
Variedades de alimentos: batata, milho, mandioca, cará, amendoim, banana, melancia, arroz, mamão, castanha do Brasil, açaí. Engorda dos macacos. Floração das paineiras.
Festa do milho.
Festa da flauta-grande
Festa da flauta-curta
Término da desova dos peixes.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

MARÇO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
				1  74%	2  65%	3  55%
4  45%	5  34%	6  24%	7  15%	8  8%	9  2%	10  0%
11  1%	12  5%	13  11%	14  19%	15  29%	16  39%	17  50%
18  60%	19  69%	20  78%	21  85%	22  91%	23  96%	24  99%
25  100%	26  99%	27  97%	28  93%	29  87%	30  79%	31  71%

ABRIL

Colhendo o que se planta

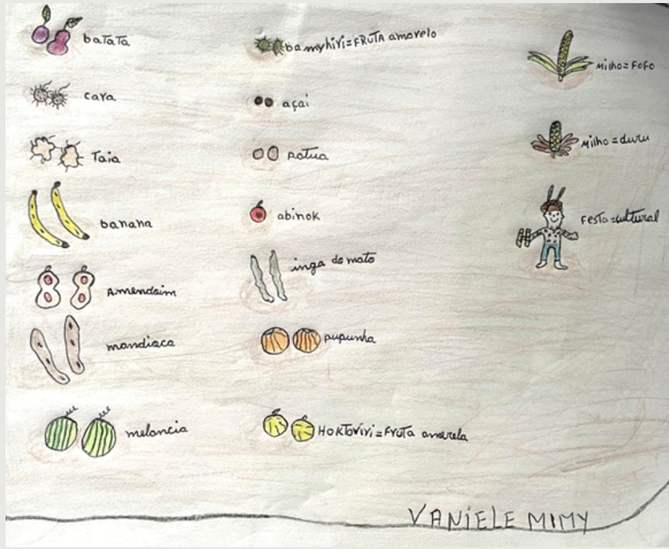
NOTAS:

Tahatsik pinymynaha mapetsa sazik mudanahaze.
Neste mês temos muitas variedades de alimentos.

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
31	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

ABRIL

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
1  61%	2  50%	3  39%	4  28%	5  19%	6  10%	7  4%
8  1%	9  0%	10  3%	11  8%	12  15%	13  24%	14  33%
15  43%	16  53%	17  63%	18  72%	19  80%	20  87%	21  93%
22  97%	23  99%	24  100%	25  99%	26  96%	27  90%	28  83%
29  75%	30  65%					

MAIO

Época do final da chuva. Começo da friagem. Época da festa cultural.

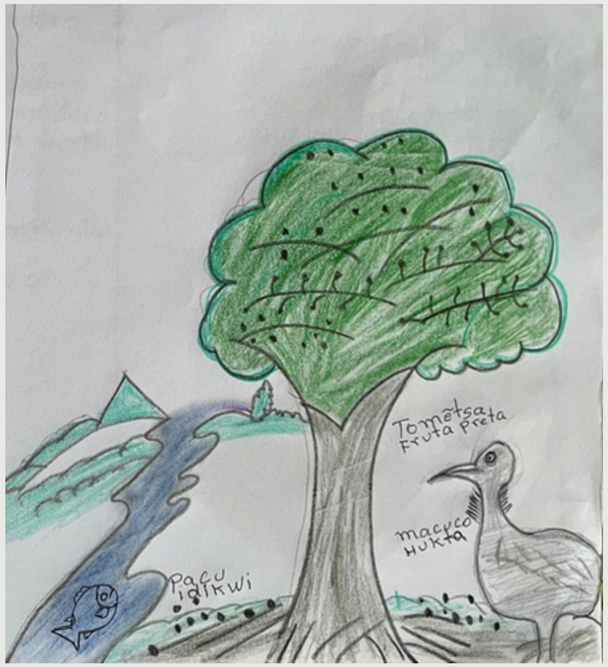
DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
28	29	30	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	1
2	3	4	5	6	7	8

NOTAS:

Espara nitsebaik.
Siraratsasuka.
Musa piktsehere pihik piktsipapara.
Mudisawy myrisnaha...
Começo da seca do barreiro. Canto do Mutum, Canto de macaco. Época de pescaria no Rio. Época de tometsã (fruto preto). Época de mandioca, batata, feijão..

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

MAIO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
		1  54%	2  43%	3  32%	4  21%	5  13%
6  6%	7  1%	8  0%	9  1%	10  5%	11  11%	12  19%
13  28%	14  37%	15  46%	16  56%	17  65%	18  74%	19  82%
20  88%	21  94%	22  98%	23  100%	24  100%	25  97%	26  93%
27  86%	28  78%	29  68%	30  57%	31  45%		

JUNHO

Época de calor.

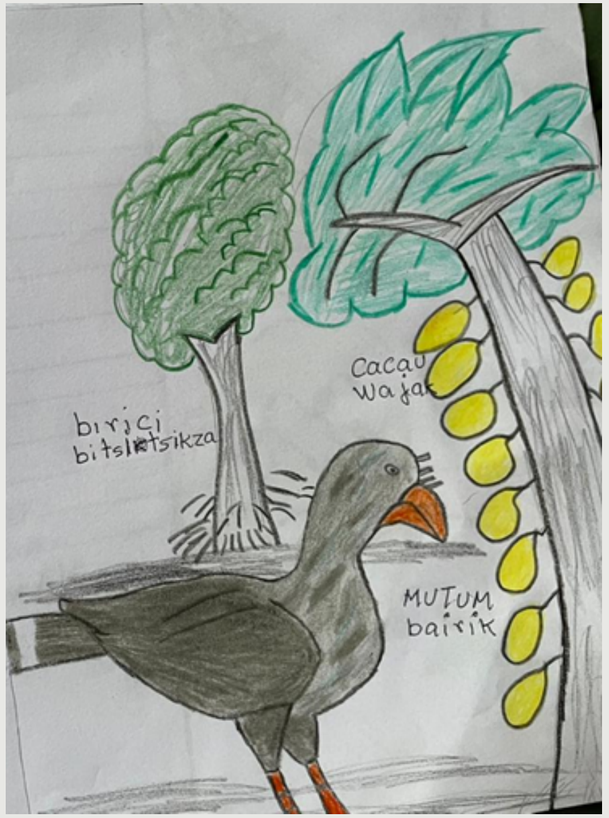
DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
26	27	28	29	30	31	1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	1	2	3	4	5	6

NOTAS:

Wuihara kymy.
Baiziktsa suka.
Mudisawy murisnaha.
Época de cacau maduro, de birici maduro, embaúba maduro. Época que o Mutum canta.
Época da roçada. Do canto das cigarras. Época de colheita de algumas plantas da roça.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

JUNHO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
					1  34%	2  24%
3  15%	4  7%	5  3%	6  0%	7  1%	8  3%	9  8%
10  14%	11  22%	12  31%	13  40%	14  49%	15  59%	16  68%
17  76%	18  84%	19  91%	20  96%	21  99%	22  100%	23  99%
24  95%	25  88%	26  80%	27  70%	28  59%	29  48%	30  38%

IULHO

Colhendo o que se planta

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
30	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10

NOTAS:

Mudisawy Murisnaha.
Watok Mutawe.
Tsariktsa Nakymyna.
Mymyikaha Inapyk.
Colheita de mandioca, de banana, cacau, birici, roncador, cará, tamarino, castanha.
Época também de derrubada. Época da piúva madurar. Térmico da festa da seca.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

JULHO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
1  28%	2  17%	3  9%	4  4%	5  1%	6  0%	7  2%
8  5%	9  10%	10  17%	11  25%	12  33%	13  42%	14  52%
15  61%	16  71%	17  79%	18  87%	19  93%	20  98%	21  100%
22  99%	23  96%	24  90%	25  82%	26  72%	27  61%	28  50%
29  39%	30  28%	31  19%				

AGOSTO

Colhendo o que se planta

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7

NOTAS:

Wuihara kymy. Siraratsa hyrytsa dada.Wuihara sarik nida. Piknutsatahakana zaperektsa.

Uva do mato, açaí, buriti, ximbua*, patua, bamyhiri, roncador, babaçu, tomentsa, hoktopepe*. Florada de pequi, jambo do mato*, bananinha do mato (jaracatiá), hoktozizi, jatobá, jatobinha, bamoikpê, imbaúba. Época que periquito, papagaioa e mutum carijó chocam seus filhotes.

Época de bater timbó no lago para pegar peixes.

*bom para a caça

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

AGOSTO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
			1  12%	2  6%	3  2%	4  0%
5  0%	6  3%	7  7%	8  12%	9  19%	10  27%	11  36%
12  45%	13  55%	14  65%	15  74%	16  83%	17  91%	18  96%
19  99%	20  100%	21  97%	22  92%	23  84%	24  75%	25  64%
26  53%	27  42%	28  32%	29  22%	30  15%	31  8%	

SETEMBRO

Início da festa da chuva. Instrumento flauta curta.

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12

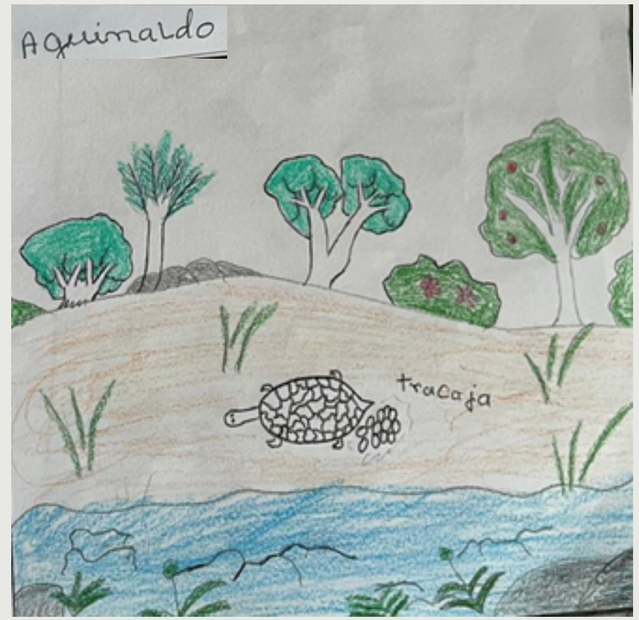
NOTAS:

Watak bo poekkadisawy pipaik. Wiktsabuhaitsa tapa uta myriskyk. Toriotorio hytsato tapa na sibyk. Siraratsa piknutsa musibobakanaha.

Época de plantio na roça, de jatobá, de colheita de tucumã, buriti. Coleta de ovos de tracajá, de pegar peixinhos na lagoa. Pescaria com timbó. Época de pegar filhote de papagaio. Época de pássaros comerem peixinhos no lago.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

SETEMBRO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
						1  4%
2  1%	3  0%	4  1%	5  4%	6  8%	7  14%	8  21%
9  30%	10  39%	11  49%	12  59%	13  69%	14  79%	15  87%
16  94%	17  99%	18  100%	19  98%	20  94%	21  87%	22  78%
23  68%	24  57%	25  47%	26  38%	27  27%	28  19%	29  12%
30 						

OUTUBRO

Começo do tempo de chuva. É hora de começar as plantações na roça Rikbaktsa.

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
29	30	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31	1	2
3	4	5	6	7	8	9

NOTAS:

Aboho iwaze bamy aha mynakymynaha Ka, hyitsik nawoze munakymy petetsa Kino niwatihi wuiha sazik mudaze tahatsik pinymynaha mapetsa sazik mudanahaze.
É época de Bamy, Aboho. É tempo de pegar mel na mata. Início do canto do Mutum.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

OUTUBRO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
	1  3%	2  0%	3  0%	4  2%	5  5%	6  10%
7  16%	8  24%	9  33%	10  43%	11  54%	12  64%	13  75%
14  84%	15  92%	16  97%	17  100%	18  99%	19  96%	20  90%
21  82%	22  73%	23  63%	24  52%	25  42%	26  33%	27  24%
28  17%	29  10%	30  5%	31  2%			

NOVEMBRO

Novembro é tempo de colheita.

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
27	28	29	30	31	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31	1	2	3	4	5	6

NOTAS:

Aboho e bamy inakymyi. Abahi pitsi napyaka. Aba petetsa musiwowo. Aba siraratsa istutaitsa . Aba matsiktsa mupanaha tahapapaiknaha.

Começa a coleta da castanha do Brasil.
Tempo de coletar mel na mata.
Época de engorda dos animais.
Coleta da saúva, que faz parte da nossa alimentação.
Época em que os peixes sobem os rios à procura de alimentos.

COISAS PARA FAZER

- ◯
- ◯
- ◯



FASES DA LUA

NOVEMBRO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
				1  0%	2  0%	3  2%
4  6%	5  12%	6  19%	7  28%	8  38%	9  49%	10  60%
11  71%	12  81%	13  89%	14  96%	15  99%	16  100%	17  98%
18  93%	19  86%	20  78%	21  69%	22  59%	23  50%	24  40%
25  31%	26  23%	27  15%	28  9%	29  4%	30  1%	

DEZEMBRO

Mês de dezembro começa o verão.

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11

NOTAS:

Wuihara nakymy. Siraratsa tatutana abaka istutaitsa. Aba pirik bo piktsipapara.

Neste mês são comuns algumas das frutas que chamamos:

Dadaitsa – Fruta branca

Aboho – Fruta vermelha

Bacuri – Fruta amarela

Bamaikpe – Fruta vermelha

Jaquinha ≠ castanha

Atsik ≠ cacau

Caju

Bamy – Fruta vermelha

Buriti

Quanto à produtividade, dividimos as épocas em:

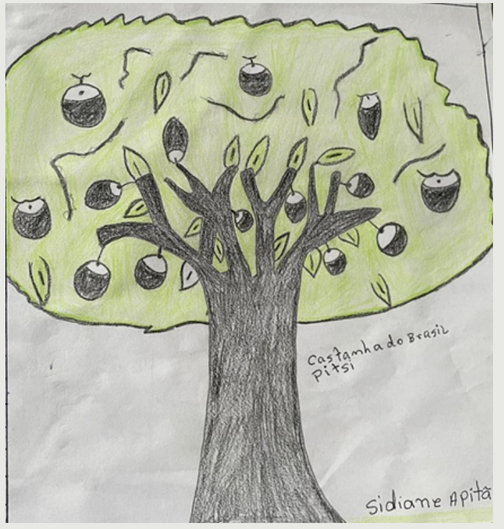
Anta – época da engorda

Macaco , Porco e Jacu– época gorda

Peixe – época de pescaria

COISAS PARA FAZER

- ○
- ○
- ○



FASES DA LUA

DEZEMBRO

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
						1  0%
2  1%	3  4%	4  8%	5  15%	6  24%	7  33%	8  44%
9  56%	10  67%	11  77%	12  86%	13  93%	14  98%	15  100%
16  99%	17  96%	18  91%	19  84%	20  76%	21  67%	22  58%
23  48%	24  39%	25  30%	26  22%	27  14%	28  8%	29  4%
30  1%	31  0%					